



O CINEMA QUE MORA NA MINHA SAUDADE

Aurora Miranda Leão

Prefácio de ARTUR DA TÁVOLA



O CINEMA QUE MORA NA MINHA SAUDADE

Prefácio de ARTUR DA TÁVOLA

Copyright © 2021 da edição brasileira.
by RFB Editora.

Copyright © 2021 do texto.
by Autora.

Todos os direitos reservados.



Todo o conteúdo apresentado neste livro, inclusive correção ortográfica e gramatical, é de responsabilidade do(s) autor(es).

Obra sob o selo *Creative Commons*-Atribuição 4.0 Internacional. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA (Editor-Chefe).

Prof.^a Dr.^a. Roberta Modesto Braga - UFPA.

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo - UFMA.

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida - UFOPA.

Prof.^a Dr.^a. Ana Angelica Mathias Macedo - IFMA.

Prof. Me. Francisco Robson Alves da Silva - IFPA.

Prof.^a Dr.^a. Elizabeth Gomes Souza - UFPA.

Prof.^a Dra. Neuma Teixeira dos Santos - UFRA.

Prof.^a Me. Antônia Edna Silva dos Santos - UEPA.

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa - UFMA.

Prof. Dr. Orlando José de Almeida Filho - UFSJ.

Prof.^a Dr.^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti - UFPE.

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares - UFPI.

Prof.^a Dr.^a. Welma Emidio da Silva - FIS.

Diagramação:

Danilo Wothon Pereira da Silva.

Design da capa:

Pryscila Rosy Borges de Souza.

Imagens da capa:

www.canva.com

Revisão de texto:

Autora.

Bibliotecária:

Janaina Karina Alves Trigo Ramos

Assistente editorial:

Manoel Souza.



Home Page: www.rfbeditora.com.

E-mail: adm@rfbeditora.com.

Telefone: (91)98885-7730.

CNPJ: 39.242.488/0001-07.

R. dos Mundurucus, 3100, 66040-033, Belém-PA.

Aurora Miranda Leão

O CINEMA QUE MORA NA MINHA SAUDADE

Edição 1

Belém-PA



2021

<https://doi.org/10.46898/rfb.9786558891413>

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

L437

Leão, Aurora Miranda

O cinema que mora na minha saudade / Aurora Miranda Leão – Belém: RFB, 2021.

Livro em PDF

104 p., il

ISBN: 978-65-5889-141-3

DOI: 10.46898/rfb.9786558891413

1. Cinema. I. Leão, Aurora Miranda. II. Título.

CDD 778

Índice para catálogo sistemático

I. Cinema

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros digitais de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora



Dedicado a Marlene e LG Miranda Leão, que viram comigo os primeiros filmes da minha vida



SUMÁRIO

PALAVRA DA AUTORA.....	8
APRESENTAÇÃO	9
1 SÓ SEI QUE É PRECISO PAIXÃO	11
2 TEATRO, A MAIS DIFÍCIL E MAIS MISTERIOSA DAS ARTES	15
3 UTOPIA DE CINEMA	19
4 UM ANTÍDOTO CONTRA A BÁRBARIE	25
5 AS MARIAS QUE SOMOS TODAS NÓS	31
6 A ESCURA ALMA DOS HOMENS SEM AFETO	35
7 OS NARRADORES DE CAFFÉ	39
8 TANTO SENTIMENTO	45
9 CÉU DE EVIDÊNCIA SOLAR DENUNCIA DESAMOR.....	53
10 NEM TODOS OS UNGUENTOS VÃO ALIVIAR... ..	59
11 BRESSANE E UM FILME DE AMOR QUE É UMA OBRA DE ARTE.....	63
12 SELTON MELLO E UM FILME PARA QUEM QUER APRENDER A GOS- TAR.....	67
13 PRA QUE A ALEGRIA VIRE MODA	73
14 O CINEMA BRASILEIRO É UM CAFUNDÓ !	79
15 PARA SER MAIS FORTE AMANHÃ.....	83
16 ZUZU E A ESTUPIDEZ DE UM TEMPO DESNECESSÁRIO	87
17 SANGUE EM BATISMO MAGISTRAL DE CINEMA.....	91
18 O ANO EM QUE NOSSOS PAIS PRECISAM IR AO CINEMA	95
ÍNDICE REMISSIVO.....	99
SOBRE A AUTORA	100



PALAVRA DA AUTORA

Em mais de três décadas atuando como jornalista, no mais das vezes dedicada a escrever sobre Arte & Cultura por determinada opção, chegou enfim o momento de reunir algumas das principais crônicas e entregá-las a você, leitor amigo.

Sim, porque como bem dizia o mestre Artur da Távola, *ser lido é um privilégio*. E você, ao viajar nas páginas deste *O Cinema que mora na minha saudade*, fique certo de já estar me fazendo sentir-me privilegiada.

Assim sendo, agradeço antecipadamente por sua leitura e interesse, e espero conseguir conduzi-lo, através destes pequenos relatos em forma de crônica - chegados até a mim por obra e graça de obras artísticas tocantes à minha sensibilidade -, por uma viagem na qual a emoção do belo, do amor, da amizade e da beleza são as tintas das molduras sugeridas.

Receba o abraço cordial e a emoção sincera da autora.

APRESENTAÇÃO

Um texto bem escrito, leio-o lentamente. Explico: por hábito, leio muito mais rápido do que deveria e com sofreguidão. Por isso, preciso, às vezes, ler várias vezes.

Já o que leio com seriedade ou emoção, preciso retirar do computador em cópia impressa e deixar o texto sobre a mesa para consultas até que em determinado momento capturo seu sumo. Sinto imediata felicidade, indizível!

O hábito de ler, sempre e sempre e muita coisa, habituou-me a essa disjuntiva: o que preciso reter, compreender em profundidade, sentir, é devagar, a saborear e respeitar o texto, assim como antes de ter o colesterol alto eu roía, felizado, a delícia de um pedaço de torresmo torrado.

Li estes eloquentes textos de minha querida amiga Aurora a meu modo, devagar, deliciando-me com a extrema sensibilidade desta mulher que conheci ainda menina e cuja aura iluminada logo me fez antever estar ali uma futura profissional da escrita, gabaritada e com um dado fundamental para quem escreve: a extrema empatia com quem torna-se objeto de seu olhar.

Aqui não se trata de um prefácio. Primeiro, por estar certo de que prefácio só vale muito tempo depois que o autor morre, como análise de sua obra já sedimentada. Segundo, por acreditar, sinceramente, que livro algum precisa de prefácio. Pois cada livro é um mistério. Não há por que aparecer um “entendido” antes do escritor para tecer-lhe loas ou dizer-nos o que vamos ler. Um livro vale pelo que é e não pelo que se diz a seu respeito. Sempre.

E no caso deste *O cinema que mora na minha saudade*, tudo vale porque escrito com a emoção e simplicidade só encontráveis em almas tão generosas como a da autora que ora se apresenta. Mas sendo Aurora uma amiga profunda e querida de tantos anos, não poderia me furtar a dizer estas singelas e sinceras palavras de quem acompanhou o desabrochar desta jornalista, sempre a gostar de mim muito mais do que mereço.

Sem pudores e com muito carisma, Aurora descortina ao leitor o que lhe toca fundo à alma: desde a chuva caindo de mansinho na sua janela ao apreço pela poesia de Vinícius e a Bossa Nova, o nenhum preconceito com as mais variadas formas de expressão artística até sua corajosa postura diante de temas polêmicos, a autora revela-se uma escritora de rara força intelectual e invejável estilo.

Conheci Aurora menina encantada e hoje sou amigo de uma mulher com o mesmo entusiasmo e doce espanto por viver. Um prazer, portanto, a leitura de todos os textos que você, leitor, por certo percorrerá com o mesmo interesse despertado neste velho guru.

Nós, leitores, é que estamos de parabéns com estas saborosas páginas.

Artur da Távola

Rio de Janeiro, julho de 2006



CAPÍTULO 1

SÓ SEI QUE É PRECISO PAIXÃO

Manhã ensolarada pelo sol frio de julho. Passeava com meus pais e minha querida babá Niedja: férias na Cidade Maravilhosa. Na entrada de uma loja à rua Siqueira Campos, em Copacabana, lembro como se fosse hoje, paramos perplexos quando o rádio noticiou a morte do Poeta Maior. Alguém só capaz de espalhar o Amor, através de seu canto, sua fala, suas múltiplas atuações, capaz de fazer Dele, pela Poesia, o Violão e a celebração da mulher amada, seu grande timoneiro. Sua vida, infatigável busca pelo Amor Eterno, aquele mesmo o qual nós, os mais sonhadores, nunca desistimos de querer. E este Amor tão buscado ele só entendia e queria como Paixão. Por isso, a paixão figura com tanta intensidade em seus versos.

Vinícius de Moraes foi muito além de um grande poeta, homem generoso, amigo fiel, parceiro adorável, pai inesquecível. Vinícius foi aquele que deixou em nós a esperança sempre indormida de um mundo mais justo, um viver mais alegre, um cotidiano mais fraterno, um tempo mais propício aos grandes encontros. Porque deles é feita a parte boa da vida.

Tantas vezes execrado por ter aderido sem remissão à Música Popular, Vinícius prestou inestimável serviço à consolidação da escrita poética no cancioneiro nacional. Depois dele, e por causa de sua influência, vieram Chico Buarque, Edu Lobo, Caetano Veloso, João Bosco, e tantos outros.

Nos anos 70, tempo da consagração definitiva da inigualável dupla feita com o querido Toquinho, de cujo violão brotaram as melhores notas para os versos de Vininha, foi satanizado por um crítico, um tal Maurício... (e quem guarda nome de crítico, ainda mais se não tem competência?): “Eles fazem o que podemos chamar de *easy music*...”

Vinícius então, sarcástico, seguro e consciente do zelo dedicado a seu ofício, passou a fazer shows por todo o país, ao lado de Toquinho. Os shows se tornam emblemáticos na história do movimento estudantil e confirmam uma ânsia nacional por ouvir coisas nossas, ritmos e tons brasileiros com nosso timbre e nosso molejo. Vinícius e Toquinho lotam auditórios e ginásios: “Agora vamos apresentar a vocês a nossa *easy music*...” E a platéia delirava.

Não à toa, é do Poeta e de Carlinhos Lyra, o Hino Oficial da União Nacional dos Estudantes, criado nos conturbados anos 60. Mas Vinícius também foi injustamente mal visto pela chamada ‘inteligentzia’ brasileira ao aderir aos rituais do candomblé, ao tempo no qual foi casado com a baiana Gesse Gessy em casamento ‘oficializado’ pela atriz Nilda Spencer, também baiana. Mais uma vez deu provas de seu imenso talento e menosprezo pela ortodoxia dominante: passou a compor

introduzindo os ritmos e o linguajar comumente empregado naqueles rituais de fé, próprios da Cultura Negra.

Dessa fase, registram-se canções antológicas como “Meu pai Oxalá”, “Maria vai com as outras”, “Canto de Oxalufã” e o estrondoso sucesso “A tonga da mironga do Kabuletê” (gravada ao lado do saudoso Monsueto). E Vininha fez muito mais: esprou seu canto apaixonado em sonoridades pertinentes às mais diversas matrizes rítmicas: da valsa ao *fox-trote* passando pelo chorinho e a capoeira, deixou um legado tão belo e singular que, após 26 anos de sua dolorosa partida, ainda é novo, atual, eloquente e instigante. Sua obra e sua vida estão tão interligadas que é difícil saber onde começa uma e onde termina a outra.



Vinícius, carinhosamente chamado VININHA, Poeta entranhado na nossa sensibilidade.

Vinícius de Moraes agiganta-se a cada dia nas mínimas sementes onde é germinado: em trabalhos escolares, transposições para o teatro e o cinema, saraus literários, performances poéticas, concursos de sonetos, tema de redações, enfim, difícil mensurar, difícil encontrar quem não se pegue cantando de cor ao menos uma criação do Poetinha.

A última companheira, a morte, confirmou Vinícius como o Poeta que ele almejou sempre: um Poeta popular, querido e cantado pelo povo, mesmo quando não se sabe estar entoando Vininha. Afinal, quem não já usou pelo menos um verso de Vinícius no seu dia-a-dia: “E por falar em saudade, onde anda você?”, “Se todos fossem iguais a você...”, “As muito feias que me perdoem mas beleza é fundamental”, “Chega de saudade, a realidade é que sem ela não há paz, não há beleza...”, “Que não seja imortal posto que é chama mas que seja infinito enquanto dure” ?!

Pois é, meu querido *São Vininha*: Você caminha comigo aonde quer que eu vá e me leva sempre a repetir os mesmos versos por você dedicados a Garcia Lorca: “Poeta, não precisavas da morte para nada”.

E quando bate uma saudade bem grande de você, só resta ouvir suas músicas, ler seus livros e olhar o céu. Você por certo se esconde em alguma estrela de onde sussurra versos para a Lua, a linda mulher tão cheia de pudor que vive nua.



CAPÍTULO 2

TEATRO, A MAIS DIFÍCIL E MAIS MISTERIOSA DAS ARTES



Comecei a gostar de Teatro ainda menina. Nas trilhas de minha infância, no acompanhar de perto os passos de minha mãe – ora na simplicidade das roupas na ida ao mercado de peixes com os cabelos na touca ou rolinhos, madeixas por fazer; noutras horas, invejava os lindos cachos dourados completando o belo figurino para as festas nas quais ela e meu pai formavam sempre um casal apaixonado –, fui tecendo sem saber o condão de minha vocação para a arte de interpretar. Foi minha mãe, sem jamais atinar, na sua cadência despreendida de moça carioca, ao apresentar-se sempre de forma diferente para o olhar e a sensibilidade da filha tímida, envergonhada de tudo, quem foi plantando em mim a semente do amor pelo Teatro.

O tempo foi passando e aquela sementinha foi semeada com livros, recortes de jornais e revistas, e dicas preciosas de meu pai, sempre a falar nos grandes nomes do Teatro e do Cinema Brasileiros – o Aderbalzin, a Lilian Lemmertz, a Léa Garcia, o Lima Duarte, o Paulo Gracindo, o Hugo Carvana, o Juca de Oliveira e tantos outros –, sempre a me indicar importantes fontes de leitura. E assim, meio sem saber nem querer, fui-me afeiçoando irremediavelmente pelas florestas encantadas do Reino do Faz-de-Conta, lugar onde residem todos os grandes alicerces desta arte milenar e sedutora, o Teatro.

Tinha apenas 13 anos. Resolvi: ‘Quero ser Atriz’. Aquilo dito por uma menina que mal abria a boca nas rodas de amigos, encabulada até para se expressar nas provas orais, parecia um disparate. As colegas riam. Era mesmo difícil acreditar. Mas aos 15 anos já pisava meu primeiro palco. De lá pra cá, meu encantamento com o Teatro só cresceu.



Protagonista na peça *Canção dentro do pão*, de Raimundo Magalhães Jr. (Teatro do Ibeu, Fortaleza, 1984).

Tenho saudade dos personagens que moram em mim e talvez fiquem sempre adormecidos em minha memória afetiva. Vontade de reviver todos eles. Sou um pouco de todas as personagens que vivi, sempre com dedicação e enorme prazer e também as personagens encantadas, habitantes de meu repertório cênico – vontade de encarnar a Branca Dias de Dias Gomes, a Joana D’Arc do *Milagre na cela* de Jorge Andrade ou alguma das magníficas criações de Mauro Rasi.

O ensino do Teatro foi consequência natural da observação constante do cotidiano à luz dos fundamentos da encenação. Mostrar às gerações de todas as épocas e às idades de todos os tempos: o Teatro é um caminho seguro e prazeroso para o autoconhecimento. Não é arte para alguns iniciados, não exige pré-requisito, não estabelece regras para aquisição de passaporte nem enumera padrões especiais exclusivos para especialistas. Aprender a ser plateia e provar do gosto inigualável de estar no palco. Fazer-TEatro. Para todos. Com os que quiserem vir. Ser mais e ser melhor. Ser muitos e Único, indivisível. “Ser 2 e ser 10, e ainda ser Um”, como diz o poeta Herbert Vianna. Daí porque o grande ator faz do ato de representar um depoimento pessoal.

Fazer TEATRO aproxima você de suas verdades mais profundas. Facilita o entendimento das diferenças e promove o convívio pacífico dos divergentes. Acei-

tar-se a si mesmo e assim estender a ponte para o verdadeiro encontro com o Outro. Eis o mistério e o encantamento do Teatro. Arte necessária quanto mais o tempo passa e mais caminha o homem na direção das máquinas e do nefasto embrutecimento.



CAPÍTULO 3

UTOPIA DE CINEMA



Passeio pela minha cidade. Dói constatar o descaso dedicado aos nossos menores sinais de civilização. Vejo com enorme tristeza as lembranças de um tempo feliz... destruído pela mentalidade atrasada de uns (infelizmente bem numerosos) e a sensibilidade escassa de outros, colaboradores no apagar da memória sadia de um tempo que se pensava promissor.

Primeiro derrubaram o Cine *Old* Metrópole, no centro. Depois, a derrubada do Cine Ventura, na nossa aldeia Aldeota, onde tantos sentamos em jovens tardes de domingo a vontade de diversão e entretenimento. No Cine Art - quem pode esquecer? -, acompanhei ainda muito menina, por várias vezes, a exibição de *Dio come ti amo*, estrelado por Gigliolla Cinquetti, levada pela mão carinhosa de minha mãe e a atenção sempre alerta de meu pai à Sétima Arte. Nos anos 80, assisti ali com Mestre L.G., vizinho a outro mestre, o Pereira dos Santos, à exibição de *Memórias do cárcere*, atuação fabulosa de Carlos Vereza. Sessão lotada, mestre Néelson aplaudido de pé. Anos depois, diluíram o Cine Diogo.

Os jovens de hoje, e os mais velhos, aqueles nunca ligados em preservação e Cultura, nada devem sentir ao adentrar a galeria de lojas da Barão do Rio Branco, centro de Fortaleza, tão isenta de emoções e insossa de atrações, hoje atendendo por Shopping Diogo. Quando entro lá, fico com o coração partido. Meses atrás, levei um susto danado ao deparar com outra sala de cinema, o cine Fortaleza, prestes a virar comércio. Houve ainda o cine Beira Mar, onde vi, entre outros, *Natal da Portela*, do saudoso Paulo César Saraceni (grande atuação de Milton Gonçalves), engolido pelas “oportunidades” mais feéricas ofertadas naquele ponto turístico da cidade.

Os mais vividos e os pesquisadores lembram: Fortaleza contava vários outros cinemas (os Templos, mesmo pobres, onde se projetam emoções de todos os matizes e a Luz afirma-se como presença decisiva a refletir sentimentos, situações e estados d’alma). Eles habitavam muitos bairros da cidade e eram parte integrante do cotidiano de seus moradores. Foram abaixo o cine América, o cine Rodolfo Teóphilo, o Carlito Pamplona, o Mucuripe e tantos outros. No lugar deles, nada foi erguido em prol da Arte.

Para não dizer privilégio cearense essa avalanche de descaso com a Sétima Arte e com a importância do fazer artístico e da Cultura, devo registrar: minhas andanças pela história da vida cultural de tantas cidades brasileiras têm igualmente apontado edifícios, tradições e monumentos decepados pelo que insistem em chamar de Progresso ou Modernidade. Aí lembro imediatamente de uma frase emblemática, escrita anos atrás pela pena instigante de meu amigo querido Artur da Távola: “O que se constrói destruindo pode ser chamado de progresso?”

E nós, cearenses, muito mais carentes do efervescer cultural próprio das grandes civilizações que outros povos do país, vamos até quando amargar estas passagens dolorosas de uma cidadania aculturada, iletrada, aviltada em sua tradição e respeito ao patrimônio, consumista, destrutiva, insensível, alienada, ignóbil ?

Sei, por muitas e sábias palavras de meu querido conterrâneo José Wilker: outras tantas salas de cinema foram igualmente destruídas no interior do Estado, no mais das vezes para dar assento a templos de Fé e venda fácil de “milagres”.



Aurora durante filmagem do curta-metragem *Um dia que corre*, de Arthur Leite (Ceará, 2012).

Destroem-se os cinemas, ignoram-se manifestações culturais relevantes e privilegiam a “terceirização” do fazer artístico; elegem a chulice eschachada e o riso fácil como humor, sabotam quem realmente têm um olhar crítico e profundo sobre a cidade. Em troca dos parâmetros atuais de “civilização”, deparamo-nos com um progressivo e continuado florescer de arautos de sandices, da mesmice, da excrescência, os quais, ao fazerem da bestialidade, da inconsequência cultural e da mais repulsiva degradação do bom senso artigo com valor de mercado, vão impondo um padrão idiotizante à crescente massa alienada.

Numa ação deliberada, usam de armas torpes para anestesiarem a consciência cidadã e disseminam, entre os mais carentes de todos os matizes (a maioria), a relevância de se Ser MENOS por NÃO ter IDENTIDADE. De forma sutil, inoculam o veneno do aplauso à mediocridade, elegendo padrões estéticos de gosto duvidoso,

e fomentam o não pensar, construindo um enorme varal de virtudes ausentes para turista ver... e nunca lembrar de voltar a Fortaleza por seus valores culturais. Esses querem sempre vir pelo caranguejo, a água de coco, o peixe saboroso e o belo artesanato pechinchado onde quer estejam os artesãos.

Sem identidade, criadores e consumidores, no mais das vezes, não sabem de seu valor. Acostumam-se a só gostar do que esses arautos determinam como padrão e tornam-se o alvo mais desejável para os apologistas da indigência mental, da propagação do aculturamento e do embrutecimento sensorial. Assim, ao invés de se erguer uma estátua para Chico Buarque ou se fazer fila para conferir *Abril despedaçado*, as rádios nos enfiam goela abaixo as antípodas do poeta de *A banda* e adultos fazem fila para ver porcarias americanófilas, desconhecendo muitos deles a preciosa obra de Walter Salles. Fica assim garantida a preservação do *status quo* para os mandatários, comandando pela força do esmagamento das consciências e pela negligência do acesso ao bem mais precioso e definidor de civilidade: a Cultura.

No lugar dos cinemas destruídos, erguem-se catedrais de incentivo ao culto do corpo, ao esmagamento da autoestima e à destruição da personalidade. Macaqueações são vendidas como moda (o exemplo mais claro são as deploráveis micaretas) e, como salsichas em supermercado, pessoas vão se dissipando em vitrines para os passantes, igualmente cegos à Cultura, à Beleza despadronizada, à Originalidade, à Criatividade... Criam-se marionetes para garantir a perpetuação de plateias aos incautos.

Esses autômatos se comprazem com o modelo mal copiado difundido pelas revistas e propagado por gente de tevê que nada sabe (no Ceará, está cheio desses espécimes); porque há os que sabem e o fazem muito bem, vide exemplos globais como *A casa das sete mulheres*, *Chico e Caetano*, *Ciranda, cirandinha*, *Os aspones*, *A grande família*... Estes, os que sabem do ofício, são necessários porque fazem com maestria, refletem e fazem pensar, alargando os horizontes da nossa sensibilidade. Aqueles, os arrogantes que julgam saber, deveriam pagar mais impostos pelo crime de exibir como Bom o que é péssimo e negar o acesso da maioria ao que fazemos tão bem, como Música, Cinema e Literatura.

Faz-se com os cinemas e a destruição de nossos templos culturais o mesmo que se faz com as pessoas que ultrapassam os 30. Elimina-se sua fala pra que não se veja o quanto de vida e história se perdeu. Destroem-se patrimônios da Civilidade em nome da construção de um progresso sem correspondência na qualidade de vida da população. Conformer-se é assinar a concordância. Calar é admitir. Não ex-

ternar pensamento divergente é covardia. E é em nome dessa acomodação assassina que me habilito a ser Do Contra.





CAPÍTULO 4

UM ANTÍDOTO CONTRA A BÁRBARIE



Chego em casa após um dia de trabalho, reencontro com amigos e atividades diversas. Ligo a tevê e não encontro lógica no que vejo. Perplexa, constato a violência absurda daquela segunda-feira, mais um dia de muita estupidez, agressividade gratuita, descaso com o ser humano, desrespeito à vida, incongruências de toda ordem a provar o quão estamos vivendo um tempo sem sanidade, compartilhando um mundo cruel e atitudes cada vez mais desastradas. Um espaço deteriorado e se deteriorando a cada segundo, nos mais diferentes lugares, pelos motivos mais banais. A decadência parece estar em toda parte, contaminando como uma febre cavilosa a infestar com espantosa rapidez.

Gostaria muito minhas palavras soassem perdidas num deserto onde só imperassem muita água benta, justiça social, dignidade moral e respeito à Vida. Mas todos os que me lerem terão a seu lado os jornais, as tevês, as rádios, a Internet e toda forma de comunicação pra constatar com absoluta precisão minhas considerações acerca do tema violência versus insanidade, insanidade gerando atrocidades, atrocidades vindas de uma sociedade cada vez mais apartada da Arte.

Vejam só a ironia: nesse mesmo dia de tanta estupidez, recebi comovente homenagem de meus alunos de Teatro. Com presentes, bolos, refrigerantes, flores, poesias, música, esquetes, alegria, amor no coração e uma invejável vontade de polvilhar o mundo com Arte, meus jovens alunos - de todas as idades e de todas as vertentes -, me prestaram, mais uma vez, homenagem da qual nem sei se sou merecedora.

Quero tocar fundo no coração de cada um deles pois assim voltei pra casa, marejada pelo afeto espontâneo, o carinho sincero, a cumplicidade afetiva, a paixão pelo Teatro. A cada um, tenho uma palavra de carinho e agradecimento a dizer. Cada um plantou em mim brotos de saudade e muito de estima, apreço, sincronicidade. Tenho um carinho especial por eles e por cada um meu afeto toca de um jeito. Eles sabem disso porque sabem da necessidade de sermos muito verdadeiros para fazer Teatro com competência. Eles sabem: assim como cada ator interpreta de seu jeito e não há interpretações certas nem interpretações erradas - cada ator empresta ao personagem emoções diversas e únicas, geradas a partir das vivências pessoais e intransferíveis de cada um -, também é diverso o modo como cada um de nós se relaciona com cada outro: nem melhor nem pior, apenas diferente porque diferentes somos todos nós. E a beleza da vida e o frescor da convivência sadia advêm justamente daí, da convivência dos contrários, do dar as mãos ao diferente, do coexistir na incompletude, do partilhar cada eu e do contracenar com egos diferentes, todos bem vindos, todos necessários.

É da convergência saudável dos desiguais e do encontro possível dos opostos que nasce a beleza da comunhão, a riqueza da busca da irmandade entre os divergentes. Somos um mundo único, uma embarcação à deriva ou cujo comando desconhecemos, mas temos cada um uma inteligência a ser desenvolvida, uma competência a ser descoberta, uma ceia farta de dispositivos e facções, e um feixe de emoções inusitadas e complexas a serem percorridos, lapidados, amadurecidos. Sem entender a vida assim, cheia do encontro de tantas partes contrárias e/ou desiguais, embarcaremos feio numa canoa furada, sem passado e sem futuro.

Do jeito que vai, a canoa parece enfrentar uma *tsunami*. Apedreja-se alguém por vestir uma camisa de um time adversário. Quinze rapazes numa fila de um estádio em São Paulo avançam sobre um garoto de 15 anos porque este trajava uma camisa de cores contrárias às do futebol dos 15. Um pai perde um filho a caminho de uma partida, vítima da bala permitida pela irresponsabilidade de muitos. A intransigência avança mas há quem ache certo se considerar melhor por viver “no país do futebol”. Eu preferia viver No País da Arte.

Eu seria muito feliz se a televisão pudesse esquecer a incongruência dos dias atuais sem estar sendo desinformante, e jornais, revistas, rádios e emissoras abordassem apenas assuntos ligados à vida saudável, à alimentação adequada, ao número crescente de livros vendidos, às crianças brincando nas ruas, aos cuidados com a Beleza... se a televisão só falasse de Arte.

Para deter o avanço da violência, o mundo precisa de mais Arte. A antítese da bandeira da Violência não é a PAZ e sim a ARTE. É de ARTE a carência maior da humanidade. A Paz virá com o fomento da atividade artística. Lembro-me de meu querido Mestre Aderbal Freire-Filho, com quem tive o prazer de caminhar pelos meandros do Teatro por muitas e inesquecíveis vezes, repetindo e citando exemplos. Aderbal dizia: “Reparem que quanto mais cresce a violência no mundo, menos assistimos a apresentações artísticas em espaços públicos. Já pararam pra imaginar o quanto pode uma Orquestra solando Tchaikovski em praça pública?”

Se àquele tempo as palavras de Aderbal me tocaram fundo por revelar como um açoite a propriedade da afirmação, muito mais me tocam hoje quando percebo cada vez com maior clareza a urgência da necessidade de espalharmos ARTE pelos quatro cantos do país, e constato, com a escassez de Arte em quase toda parte, o avanço brutal e insano da violência.

Quando os governos do mundo perceberem o quanto ganharão em prestígio, dia-a-dia saudável e anos de vida com o incentivo à proliferação das manifestações

artísticas e o incremento do estudo da Arte, em todas as suas versões, para pessoas de todas as raças, credos e idades, o cotidiano das sociedades será outro e outra será a história que contaremos às novas gerações.

Se você puder parar alguns minutos de seu tempo para olhar em volta, repare bem: quantas partidas de futebol temos por semana no Brasil ? Quantas horas diárias a programação de rádio e televisão dedica ao futebol e ao esporte de modo geral ? Quantas academias de culto ao corpo e cabeleireiros você vê em cada esquina? Em contrapartida, quantas exibições públicas de cinema temos semanalmente e em quais cidades do país, todos os dias, há apresentações artísticas gratuitas de música, dança, teatro, circo, contação de histórias e recitais poéticos ? Quantas exposições de Artes Plásticas, Visuais e Fotografia temos por semana, com o acesso do público amplamente liberado ? Ao mesmo tempo, quantas horas a sua rádio preferida ou a emissora de tevê mais assistida dedica ao cinema nacional, à boa música brasileira, aos espetáculos de dança, teatro, cultura popular, circo e tantos outros ? Quanto tempo a televisão gasta mostrando casais felizes e filhos ajustados ? Quantas reportagens exaltam o companheirismo, a troca saudável de ideias, o cultivo de emoções nobres, a importância da leitura ?

São indagações simples e as ações expressas até podem parecer gotinhas d'água em oceanos revoltos. Na verdade, essa é apenas a impressão aparente. As mudanças de comportamento produzidas pelo contato do ser humano com a Arte são estudadas em todas as grandes Universidades do mundo e as transformações sócio-político-culturais daí advindas estão nos compêndios das grandes bibliotecas mundiais. Sua veracidade e eficiência podem ser atestadas pela História das Grandes Civilizações. Não à toa, a lembrança mais forte de Paris, a divina capital francesa, são monumentos à História, à Beleza, à preservação de um Patrimônio Artístico e Cultural construído com suor, dores e muita luta.

Não impunemente estudam-se os caminhos da Arte desde os primeiros sinais de vida no planeta e guarda-se com frescor na memória o nome de virtuosos como Mozart, Bach, Chopin, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth, Beethoven, Maurice Ravel, Van Gogh, John Lennon, Vinícius de Moraes, Clarice Lispector, Cacilda Becker, Dias Gomes e tantos outros, em contraposição aos sempre execráveis Hitler, Stálin, Mussoline, Saddam Hussein, Bin Laden e terroristas de todas as etnias.

Quando as sociedades e os poderosos do mundo se derem conta de quão sua vida vai mudar no dia em que uma escola de Teatro possa ser encontrada em cada quarteirão, em cada esquina ouça-se o som de um violino entoando uma nota sublime, em todas as praças haja espaço para se colher flores e encontrar amigos, em

cada ponto de ônibus haja colagens de poesias e cada habitante seja um discípulo preparado para o amor e não para a guerra, a história da Humanidade poderá ser contada apenas com Alegria, emoção, gestos e atitudes a imitar.

Quando o homem perceber: ele é muito mais homem tendo coragem de ser ele mesmo, passível de erros e defeitos mas também de defender grandes causas, e descobrindo no outro não só os defeitos que em si julga ausentes mas possibilidades de parceria para a construção de um mundo melhor, onde todos tenham vez e ninguém seja reconhecido melhor só porque tem mais, as disputas e combates insanos e despropositais serão vistos com lente de aumento e em sua devida proporção. Não mais haverá homens portando armas por assim se julgarem protegidos e assim se considerarem fortes e capazes de enfrentar o inimigo. Não mais haverá mulheres espancadas, crianças abandonadas e famílias mutiladas.

Quando todos perceberem: o maior dilema dos humanos é a angústia pela falta de explicação para o seu “De onde vim, pra onde vou, por que estou?”, a ausência de sintonia com o Desconhecido, e a inexplicável dimensão da TRANScendência, estarão conscientes de não ser a violência a melhor forma de bradar contra o Não-Saber, as perguntas sem respostas, o Mistério Onipresente. Quando os homens se dedicarem a construir celeiros de esperança, estufas para as emoções nobres, jardins para o cultivo de sentimentos elevados e ararem o terreno para que floresça ali o mais que humano em nós, o solo estará fértil para a chegada da Paz. E todos sentiremos a necessidade de Ela ancorar.



Aurora em meio a brincantes do Tambor de Crioula (São Luís, 2007).

E todos vamos nos dar as mãos e aplacar muitas de nossas angústias pois nosso grito ante o Mistério não será mais gritado sozinho. Em unísono, todos pediremos a PAZ e cantaremos louvores ao Amor, à Amizade, à Solidariedade, à Justiça Social e à Liberdade de Expressão. Construindo um espaço de harmonia, de cultivo dos sentimentos nobres, somente a Paz poderá advir. Não pensaremos nunca em nos armar contra nada nem ninguém. Nossa arma será nossa Palavra, nossa Palavra será sempre um SIM à Vida, ao Bom e ao Belo.

Expulsemos a violência de nosso cotidiano extravasando nossos impulsos mais repulsivos e canalizando nossos instintos negativos para o aprendizado, a transmissão e o cultivo das atividades artísticas. Dêem-me um punhado de Arte e eu lhes darei a Paz.

No dia em que todos os homens forem Artistas, aí sim, neste dia, o mundo será uma grande aventura de Paz, Afeto, Liberdade, Fraternidade e Vida Feliz, como dizia o querido mestre Domingos Oliveira, e como todos nós tanto almejamos.



CAPÍTULO 5

AS MARIAS QUE SOMOS TODAS NÓS

Arte, quando existe, toca, mexe, incomoda, apazigua porque como um Accondão a nos conduzir para um encontro com o próprio eu, a partir de analogias até inconscientes com a vivência uterina, e assimilações de instantes flagrados no cotidiano com a nossa própria história de vida.

Cansa-me ao extremo ver protagonistas de realizações artísticas diversas reportarem-se ao produto de sua criatividade como algo de extrema qualidade e bom gosto por tratar da questão cultural própria da região com cuidado, carinho e sentido de preservação. Para eles, essas são as obras de arte realmente importantes e necessárias.

Necessário sim é haver Arte. Sempre. E de boa qualidade. Mas importante mesmo é azunhar a sensibilidade humana, é tocar nas feridas da alma, remexer o inconsciente, é calar o coração e tocar profunda e delicadamente o arsenal de sentimentos de que é feito nosso arcabouço emotivo. Sim ao Talento, à ousadia, à força do Novo, à coragem de arriscar. Pela defesa da Arte como instrumento transformador, capaz de alcançar os complexos nichos da psique humana.

Todas essas ideias passeiam pelos meus olhos a propósito do instigante, belo e audacioso *As três Marias*, do diretor Aluizio Abranches. O filme é de uma força singular. Pega nas primeiras tomadas, sensibiliza na expressividade dos letreiros, convence no prodigioso trabalho do elenco, emociona através da perfeita trilha sonora e arrebatada no convincente olhar do diretor.

Quando você tem contato com *As três Marias* entende logo porque o filme ganhou tantos prêmios no exterior e foi escolhido o Melhor do Cine Ceará - edição 2002 -, ganhando então o Troféu Samburá (Fundação Demócrito Rocha). A começar pelo trio feminino protagonista da trama, de altíssimo gabarito - Marieta Severo, Júlia Lemmertz e Maria Luíza Mendonça, atrizes de indiscutível competência - Marieta, um Patrimônio de nossa Dramaturgia; Júlia, beleza cujo encantamento é um misto de doçura e rebeldia travessa, de interpretação tão forte quanto o sangue artístico herdado dos pais (Lilian Lemmertz e Linneu Dias, dois monstros sagrados do Teatro); Maria Luíza, com sua atuação marcante; tudo é muito bom no filme de Aluizio. A estreante Luíza Mariani também revela talento.



Júlia Lemmertz, Marieta Severo e Maria Luiza Mendonça são as Marias de Aluizio Abranches.

Cada uma delas interpreta um tipo de Feminino. Ou uma parte de cada Feminino que compõe um Todo onde há o Doce, o Amargo, o Frio, o Calor, o Cheiro, a Flor, o Bem-Me-Quer e o Te Quero sempre Assim. Uma quer vingança, e parece ser absolutamente fria; outra é frágil mas demonstra força pra tentar superar um trauma; há uma bem decidida, com uma meta a alcançar, sem esquecer de atizar a chama do desejo mas sem dele tornar-se escrava; tem uma capaz de aliar-se até a bandido... Todas são igualmente mulheres como as muitas que conhecemos por todos os lados, em todos os cantos.

Todas são a mesma face de uma só, como somos cada uma de nós, um feixe de emoções complexas, incertas, contraditórias mas complementares. Às vezes parecemos uma só, prontas a ter nossa alma captada por algum bem vindo invasor apaixonado, mas no fundo somos sempre muitas, a esconder mistérios e trancafiar segredos, a querer muito e nem sempre revelar o mínimo, a precisar às vezes tanto só do máximo e não conseguir sequer o necessário. Porque são tantas as flechadas com as quais já nos acertaram, com boas e más intenções, que às vezes somos como onça a se defender na jaula. Noutras, somos presa fácil e o domador nem sempre é competente.

Mesmo assim, quando nos tocam certo o coração ou quando por ele nos deixamos guiar, sabemos ser possível e benfazejo o encontro capaz de resplandecer o brilho do olhar. Por isso, as Marias de Aluizio com flechas muito pontiaguadas a lhes ferir o peito, são também cada uma de nós porque cada uma sabe muito bem como é íngreme, complicado e difícil o caminho do Desejo. Correspondido. Somos todas Marias em busca do aconchego capaz de nos acalentar o sono da madrugada para que possamos adormecer e acordar embevecidas... os lábios a sussurar Amor.

Agora, os atores: todos, pela competência do desempenho, só podem ter sido escolhidos com extrema perspicácia: Carlos Vereza, Henrique Diaz, Cassiano Carneiro, André Barros (o filho do meio de meu saudoso amigo Artur da Távola, em

brevíssima participação), Lázaro Ramos, Tuca Andrada, Fábio Limma, e Wagner Moura em interpretação emblemática – pela qual foi Melhor Ator no mesmo Cine Ceará -, são exemplos incontestes do cuidado, seriedade e profissionalismo que rondam a criação artística de Aluizio Abranches. A revelar-se também na precisa escolha do local das locações – uma beleza o contraste dos cactus, simbolizando a frieza da Filomena encarnada por Marieta, com o azul vigoroso do céu pernambucano.

Impressionam ainda as tomadas na insólita pedra perdida no meio do sertão onde os personagens principais encontram-se e desfazem os laços de sentimento que os uniram tantos anos antes. O buquê de rosas vermelhas é o toque precioso de uma alma apaixonada como a de Aluizio.

A verdadeira Arte não exige esforço. O que é Belo emociona porque fala a alma. O que é peculiar à espécie humana espelha porque é verdadeiro e profundo. A Arte é o momento sagrado de percepção do Infinito através do contato com uma réstia de luz da Transcendência. A Universalidade provém da capacidade de revelar essa percepção e conferir eternidade a esse momento. Tarefa para poucos iluminados. Como Aluizio, que nos faz garimpar pelas vielas de nossas mais fundas cicatrizes existenciais em busca das respostas capazes de melhor traduzir este enigma feito mistério, que nos encanta e aprisiona na mesma medida, o Amor. Vida longa para Aluizio Abranches !



CAPÍTULO 6

A ESCURA ALMA DOS HOMENS SEM AFETO



Os caminhos que Walter Salles trilha para chegar onde quer são atalhos só encontráveis por uma sensibilidade extremada. Por isso sua obra é tão marcante, bela, criativa. A aproximação dele com o conteúdo de qualquer história é sempre forte, emocionada, comovente. Como um mago das sutilezas do coração, WS incorpora (com um ingrediente tão salutar quanto raro, a empatia) e transmite com eloquência as emoções mais primárias do homem. Retrata um Brasil que não viveu mas sabe com a maior competência: coisa de Mestre.

Abril despedaçado é um marco da cinematografia mundial. Um libelo contra toda forma de violência. Filme pra se ver 2, 3, 6, 8, 10 vezes, ganhando novas leituras a cada vez. Tivesse um sobrenome estrangeiro e Walter Salles já seria tão louvado como um Kubrick.

O filme é repleto de belíssimos momentos. O roteiro (parceria com Sérgio Machado e Karim Aïnouz) é primoroso. A fotografia tem imagens antológicas (Viva Walter Carvalho!). Num sertão onde todo dia o sol queima a pele e deixa mais velhos os homens de qualquer idade, destaca-se a invejável sintonia entre os irmãos Tonho e Pacu - tocante demais quando Tonho cai do balanço e se finge de morto, até cair na gargalhada com o irmão querido, um dos mais eloquentes momentos do filme.

Idêntico retrato da ternura/cumplicidade/afeição a cercar os irmãos Walter e João Moreira Salles - aliás, os ricos diálogos do filme são assinados por João e Daniella Thomas (outra parceira antiga de WS). O diretor vai Tateando a emoção do espectador como os meninos a procurar entre o canavial as melhores safras da cana, nos cutuca o sentimento, burilando-o até de nós conseguir extrair a mais forte, lenta, sutil e verdadeira emoção, aquela pela qual ninguém passa impune - a emoção do choro impossível de conter frente à crueldade da insana luta do homem para se mostrar forte, poderoso, soberano, quando sabemos: forte mesmo é o Afeto.



Rodrigo Santoro vive seu primeiro protagonista no cinema.

Rodrigo Santoro irretocável, bastando lembrar os muitos convites para trabalho após o destaque internacional do filme. José Dumont é este monumental ator de tantos papéis memoráveis da nossa Sétima Arte: são 40 filmes e atuações como as

de *O homem que virou suco*, *A hora da estrela* e *Narradores de Javé*, para citar apenas alguns. Rita Assemany e Everaldo Pontes são dois enormes talentos paraibanos, cujas atuações marcam pelo extremado rigor interpretativo.



Rodrigo e Ravi Ramos Lacerda em belíssimo filme de Walter Salles.

O menino Ravi Ramos Lacerda, outro paraibano, capaz de impressionar mesmo a crítica internacional - o filme ganhou diversos prêmios, como o do público jovem do Festival de Veneza -, é mais uma pérola revelada pela sensibilidade de Walter. Lindo em sua comovente interpretação, tão natural como o “Menino Pacu” que parece vir de longa estrada pelas Artes Cênicas. Dá vontade de levá-lo pra casa.

Aplausos também para a bela Flávia Marco Antônio, sensualidade sutil, espontânea em pernas de pau ou cuspidando fogo. Bom também rever atores como Sôia Lira, Maria do Socorro Nobre, Vinícius de Oliveira, Caio Junqueira, Luís Carlos Vasconcelos, nosso conterrâneo Gero Camilo (ótimo em rápida aparição) e Othon Bastos, turma de indiscutível talento e integrantes do universo interpretativo de Walter Salles - traço da fidelidade afetiva do diretor, sempre dando oportunidade e prestígio aos atores de sua admiração.

Impossível sair de um filme de Walter Salles sem emocionar-se. Profundamente. A tontura que se apodera de Clara e Tonho na cidadezinha de “Ventura” é simbólica das tonturas afloradas no corpo pela sensação de prazer causada pelo momento sublime do orgasmo. O ‘orgasmo’ platônico dos personagens, através do balançado intenso e vigoroso da corda do circo, vai criando uma atmosfera mágica de fantasia e desejo, construindo no âmago do espectador a vontade de ver concretizado o encontro amoroso. Quando Clara vem finalmente se entregar a Tonho, o banho dominando a cena, os personagens e o nosso olhar, é como uma enxurrada do desejo aos poucos consolidando-se entre os jovens, ao mesmo tempo em que ritualizava a sensação entre os espectadores.

Porém, a concretização desse encontro amoroso - sertão molhado e Pacu com a alma inundada de satisfação pela festa prestes a acontecer para o irmão -, é ao mesmo tempo a porta de entrada para o encontro do “Menino” com a morte, para ele um mistério como o mar farto e fértil a fasciná-lo desde muito cedo, lugar onde se

“é feliz e nunca se pára de dar risada”. Nas muitas vezes nas quais Pacu está lendo (‘só as figuras’) o livro ganho de presente - e a forma absolutamente livre como vivencia essas histórias - ele sempre se reporta ao mar: é o diretor sutilmente criando ganchos para o surpreendente final.

A inocência criadora de Pacu revela-nos a alma de um menino inteligente e cativante, perscrutador e inquieto até na procura de um sentido para a morte. Só uma alma pura, generosa e altruísta, como é a de Walter Salles (conforme testemunho de todos quanto trabalham com ele) conseguiria passar, através de um personagem, tanto carinho, tanta sensibilidade, tão refinado arsenal emotivo. É através do amor, da sensibilidade, do afeto e da liberdade que podemos construir um mundo melhor.

Esta a lição que WS passa ao espectador o tempo inteiro, mesmo quando não sabe que está a nos dizer isso, com imagens fortíssimas e interpretações magníficas. Este “menino” é o próprio WS, o qual, com a incandescente beleza de *Abril despedaçado* acende sobre este mundo cruel, insano, apressado e pouco afetivo um holofote - como um farol a nos apontar o caminho para a Paz tão almejada. É o afeto quem deve comandar e nortear as relações entre os homens. É imperativo mais gente com a grandeza humanitária de WS para tornar o mundo uma aventura prazerosa e feliz onde possamos arriscar sonhos e investir na capacidade transformadora do carinho para então poder-se mergulhar na emoção sem medo de despedaçar-se.



CAPÍTULO 7

OS NARRADORES DE CAFFÉ

O filme *Narradores de Javé* coleciona uma numerosa lista de prêmios: no Festival de Cinema de Recife foram 9, três no do Rio, roteiro premiado na Suíça, dois prêmios em Bruxelas e boa acolhida em Bogotá e na Mostra de São Paulo. Basta ver o filme para concordar: as premiações foram acertadas e o filme as dignifica.

Segundo longa da cineasta (paulista do Nordeste) Eliane Caffé, *Narradores* ganha fácil a adesão do espectador. O enredo é simples: uma pequena localidade do interior nordestino, Javé, será inundada pelas águas e a única forma de evitar ali a construção de uma represa é descobrir nela algum valor que justifique argumentá-la como Patrimônio. Aí, o mais letrado do lugar, Zaqueu, interpretado por Nelson Xavier, argumenta: só as histórias dos moradores de Javé poderão salvá-la.

Era preciso procurar Antônio Biá (José Dumont, monumental!). Só ele poderia escrever as histórias de Javé, desde o tempo de sua fundação até os dias atuais. Afinal, Biá era funcionário dos Correios e só não perdeu o emprego porque teve a ideia de escrever cartas, de um morador pra outro, reavivando o trabalho da instituição e garantindo seu emprego.

Pois bem, história tão simples e despreziosa, começa ao som contagiante do DJ Dolores. E você é tomado de cara e ouvido pelos criativos créditos de Carla Caffé passando ao som do contemporâneo DJ sergipano de Pernambuco. Aos poucos o enredo vai sendo construído, Nelson Xavier na batuta, até surgir Matheus Nachtergaele, ator que por si só recomenda qualquer ida ao cinema, sempre outro a cada novo papel. E aos poucos vão “aparecendo” os causos *javélicos*. Biá aparece para o público com aviso pregado rente aos olhos: é “intelectuário e alcóolatra”. Na casa dele, é proibida a entrada de analfabetos.

Mas ao saber da possibilidade de figurar na heróica história de Javé, cada habitante vai revelando interesse maior em constar do “livro de ouro”. Assim vão-se tecendo, de forma leve, graciosa e prazenteira, os fios desta engenhosa criação de Lili Caffé e Luís Alberto de Abreu.

Cada morador acha sua história a mais interessante. Assim somos todos nós, *javélicos* também, ao achar nossa história sempre melhor que a do vizinho. O barbeiro quer permutar com Biá vários meses de barba feita em troca de uma história bem inventada e bem escrita. Ele, barbeiro, não tem nenhuma história boa nem verdadeira para justificar sua presença no livro. Mas há vários outros, cada um tentando lembrar vivência mais bacana.

Esse desfile de passagens históricas começa com a narração do personagem de Néelson Dantas – ótima atuação. E aos poucos Biá vai perdendo sua privacidade, coisa comum entre os que buscam a fama, e quando ela chega às vezes mais importante que oferece vantagens. Biá passa então a viver fugindo de seus “narradores”, os quais desde muito cedo estão à sua porta querendo narrar os gloriosos feitos de Javé. Essas passagens do filme nos vão revelando de forma competente, sutil mas profunda e inequívoca, o quão é verdadeira a máxima: estamos todos na vida em busca de uma maneira de não passar por ela incógnitos.

Como se a cada instante nos apitasse a certeza de a vida ser muito para ser vivida em tão pouco e a nós resta fazermos qualquer coisa para não sairmos dela esquecidos. E assim, a ideia de arranjar uma forma de se perpetuar, ainda que nas páginas de um livro de duvidosa veracidade, nas fotos de uma revista, plantando uma árvore, gerando um filho ou criando qualquer coisa de valor, parece ser o moto-perpétuo (pra não esquecer do interessante *Kenoma*, estreia da cineasta em longa) ao qual vivemos presos todos nós.

É a finitude da vida quem comanda o centro da roda. É a angustiante constatação de nada sabermos sobre o pós-morte o cativador em todos nós desta vontade constante, secreta, ou mesmo inconsciente, de nos eternizarmos através de qualquer coisa que nos pareça perene. A terrível, cruel e aflitiva certeza de não superarmos nunca a dúvida ante a Transcendência nos é revelada em filigranas nas histórias bem humoradas, arquetípicas e deveras teatrais dos moradores de Javé.

Porque temos todos uma única certeza, intensa e inexorável: a de que mesmo os livros, as obras grandiosas, as fotos, os filmes, os criadores, a natureza, tudo enfim, passa, termina, quebra, desgasta-se. Até mesmo o sol, pronto a encerrar seu ciclo daqui há alguns milhões de anos, deverá acabar, dizem alguns.

Em *Narradores de Javé*, a cineasta revela seu mérito maior: juntar-se a grandes criadores e a outros tantos, anônimas pessoas do povo, a quem oferece a chance de fazer bonito exibindo talento, vocação e inteira credibilidade na mão segura da diretora, por certo infatigável em meses de estada na cidade baiana, conseguindo adesão total dos moradores do lugar, os quais hoje lutam para mudar o nome de Gameleira da Lapa para Javé. Reivindicação mais do que justa, oxalá atendida por quem de direito.

Ressalte-se, a partir do exposto na tela, confirmando-se agora com o desejo dos moradores de ver a cidade chamada por Javé, o quão benéfica foi a passagem de Lili e toda sua equipe pela localidade nordestina. Numa das últimas cenas, eles

choram com a proximidade do fim de Javé. Choravam os anônimos “atores” por ser o último dia de filmagem da equipe. Choravam artistas e técnicos por trás das câmaras, me contaram.

A afeição gerada entre equipe e moradores é constatada em cada cena. Juntando a todos esses seu talento vigoroso e sua enorme sensibilidade, Lili Caffé faz aflorar momentos de rara pureza interpretativa, permitindo delinear-se com facilidade dotes artísticos, costurando todas as cenas como bilros numa almofada de renda: o desenho final é sempre diferente, original, bonito de ver e guardar com os olhos, o coração e a alma. A começar por dividir a escrita com Luís Alberto de Abreu, este dramaturgo em quem o diálogo verte como correnteza na beira do rio: de tão rico e original, dá vontade de levar o roteiro pra casa.



Filme *Narradores de Javé* (Eliane Caffé, 2004) tem José Dumont em atuação primorosa.

Some-se a isso a presença de um protagonista do quilate de Zé Dumont e *Narradores* já tem meio caminho andado. Ao lado dele, Nélon Xavier, Matheus Nachtergaele, Gero Camilo, Rui Rezende, o saudoso Altair Lima, Nélon Dantas, tendo ainda o mérito de revelar talentos como o da paraibana Luci Pereira (justamente premiada como Melhor Coadjuvante), e mostrar ao mundo outros tantos como os veteranos Roger Avanzi e Orlando Vieira, em magistral contraponto como os gêmeos sempre em pugna.

A cena mais forte, ápice da atuação de Dumont, é quando Biá - cansado de aguentar a revolta dos moradores de Javé contra a decisão dele de não mais escrever o tal livro com as histórias do lugar e seus “fundadores”-, diz em alto e bom som para os conterrâneos, mais ou menos assim: “Eu não vou mais escrever simples-

mente porque a história de Javé não vale nada. Por mais que tenha de interessante, para 'eles' isso não quer dizer nada. A história de Javé é igual a pó" – e pega areia no chão, simbolizando a desimportância de Javé, tão pobre, pequena e inóspita.

A represa vai chegar, é inevitável. É como se dissesse: "As histórias de vocês, por mais que eu floreie, não vão deter o avanço da construção da represa..." E neste momento a voz do personagem, escancarando verdade a doer como o sol escaldante do Nordeste em seca, é a voz dos roteiristas Luís Alberto de Abreu e Lili Caffé mostrando com eloquência o quão pouco valem as pessoas, suas histórias de vida, suas ações cotidianas, suas vontades, raivas ou desejos, diante da força avassaladora daquilo que chamam de progresso (?)

Afinal, é sempre em nome da construção de grandes obras e da suposta chegada de uma benfeitoria que se vêm há anos neste país destruindo tradições, valores culturais, preciosidades artísticas, laços afetivos e afins. É sempre o mais forte a ganhar, o dinheiro sobrepondo-se às intenções mais honestas, o inescrupuloso burlando leis e convenções, o mais forte oprimindo o mais fraco. E é aparentemente com uma história trivial, despretensiosa e muito bem humorada que Lili Caffé reafirma sua imensa vocação de contadora de histórias, acurada sensibilidade cinematográfica e visão filosófica das contradições e perplexidades existenciais.

Com *Narradores de Javé*, Eliane Caffé nos brinda com momentos de humor comuns ao dia-a-dia de qualquer comunidade, ao mesmo tempo em que nos faz refletir sobre o imponderável da condição humana e a urgente necessidade de se recontar a história do Brasil por um viés mais humanista e menos preconceituoso.

É pelo viés do Brasil profundo, desigual, carente, simplório e divertido delineado em *Narradores de Javé* (aplausos para Carla Caffé na direção de arte) que Lili nos indaga e nos foca o espelho: é imperioso cada um saber avaliar exatamente o que de grandioso está fazendo em seu cotidiano para contribuir com a construção de um país mais fraterno, justo, leal e verdadeiro. Vida longa, pois, para *Narradores de Javé* e a estrada de Eliane Caffé no cinema.





CAPÍTULO 8

TANTO SENTIMENTO



Um sonho recorrente, a morte anunciada, um acerto de contas com o passado, o mesmo lugar onde morreu, nos braços de outro, a fugidia amada. Uma jovem mulher, enigmática e triste, ingênua e espontânea, exala pueril sensualidade enquanto caminha como se fugisse do próprio destino. Benjamim reencontra nas semelhanças e no mistério da jovem de andar sempre em fuga, a ensolarada e fugaz Castana, a quem sempre devotou amor intenso, não desfeito nem mesmo pelo tempo... Castana Beatriz, a mulher de seus sonhos, perdida pela irracionalidade do pai repressor.

Assim se engendra a trama de *Benjamim*, criação de Chico Buarque, trazida à telona pelas mãos, a sensibilidade e a competência de Monique Gardenberg. O filme é bom desde a abertura com um fundo musical preciso, acurado, saudosista, nos conduzindo a um tempo que não vivemos mas intuímos pelo sentimento coletivo de saudade do que era tão bom e tão cedo se foi.

Gosto de tudo no filme. Mas principalmente quando Monique selecionou trecho de uma de minhas preferidas do Poetinha Vinícius, ela “me ganhou”. É quando o Benjamim de Paulo José diz pra Castana Beatriz (Cleo Pires): “Eu te peço perdão por te amar de repente, embora o meu amor seja uma velha canção para os teus ouvidos”. Monique soube pinçar em Vinícius a mais perfeita tradução já dada por alguém para esta inquietação afobada/calma, eletrizante/terna, impulsiva/recatada, desvairada/sã que toma conta dos apaixonados.

É sempre do mesmo jeito. E não morre nunca, mesmo se o objeto amado está longe, não nos quer mais, fugiu ou sumiu no mundo sem nos avisar. O amor permanece em nós, sempre, e quando alguma lanterna mágica clareia a força que o mantém vivo, ele renasce, ressurgente, reaparece, se reafirma da forma mais bela com a qual se veste, a forma apaixonada que tanto enlouquece e faz bem.

É justamente tudo isso que Monique nos quer dizer e diz de forma tão clara na cena onde há somente esta fala dita por Paulo José, com o tempo, a entonação e o sentimento necessários. Pena não mais estar entre nós nosso querido Vininha. Ele adoraria conhecer Cleo, se encantaria com sua enigmática presença, e se orgulharia de ter seus versos selecionados pela cineasta e ditos por Paulo José. Pois é bem capaz de em algum lugar deste outro mundo para onde vão os bons, Vininha já tenha muitas vezes visto e se emocionado com *Benjamim*. Ao escolher os versos de nosso maior Poeta do Amor, Monique cravou fundo a alma dos apaixonados ou dos que assim desejam o Amar.

Com o lançamento em DVD, corri à locadora mais próxima. Vi e revi várias vezes a obra de Monique e quanto mais vejo mais me encanto com a poesia estampada na tela, a me perguntar constantemente pela mente privilegiada de Chico Buarque – que reluz onde quer que ele se arvore de entrar. De onde Chico consegue inspiração para fazer tanta coisa tão linda, emocionante, irretocável? Que dons de Mestre do Encantamento tem este “nosso guri”, capaz de engendrar Arte do mais rebuscado e fértil sentimento? Será possível existir alguém capaz de estar frente a uma obra de Chico e não se emocionar ?

Talvez você seja um dos tantos que ainda não viu *Benjamim*. Mas se você marcou bobeira, não precisa chorar a projeção perdida. Vá até a locadora mais próxima e leve o DVD pra casa. Com certeza, você vai concordar comigo e também vai se encantar. Pode ser também que discorde. Tudo bem ! Adoro opiniões divergentes, desde que bem argumentadas. Mas creio ser difícil você não gostar.

Aliás, perdão se ao final da exibição, você não se considerar diante de uma obra magnífica. Talvez você não tenha sensibilidade suficiente. Ou tenha buracos demais na alma. Por isso está impedido de enxergar esta Pérola Cinematográfica por nome *BENJAMIM*. Então vamos lá! Com esforço, vou tentar inserir você, leitor amigo, no trajeto desta obra de Chico Buarque, transcrita para o cinema por Monique Gardenberg.

Benjamim é destes filmes com os quais você não sente o tempo passar. Um colosso para os olhos e a alma. São duas horas de projeção, e quando você se dá conta disso, até leva um susto, tal o caminhar quase estático do relógio. Ficaria mais tempo me deliciando com a instigante trama onde pontificam Ariela Masé, Benjamim Zambraia e Castana Beatriz – atente para a sonoridade dos nomes. Quando Benjamim resolve sair à procura de Ariela, depois de encontrada a foto antiga de Castana, e pergunta a um e outros na rua se alguém viu uma garota parecida com aquela e ninguém viu... a câmara afasta-se e joga na tela a constatação do quanto o personagem está perdido num emaranhado de emoções aflitivas.



Paulo José e Cleo Pires dão vida à obra de Chico Buarque na telona.

A solidão caótica de Benjamim, escancarada pela tomada do alto do edifício, emudece e solidariza o espectador com a dor do amor perdido. E a partir daí, cada *take* é um convite ao embarque sobressaltado de Benjamim, o personagem criado por Chico, recriado por Monique e revelado por Paulo José, cuja atuação comove e conquista na medida certa.

Monique foi tihosa e sábia em sua decisão de querer o ator para este personagem. A partir de seu filme, Benjamim Zimbraia passa a ser um ícone no histórico dos grandes personagens brasileiros apaixonados/apaixonantes, do qual já fazem parte *Orpheu*, *Vadinho*, *Macunaíma*, *Policarpo Quaresma*, *O grande mentecapto*, *O homem nu...* Bom rever Ana Kutner e Ernesto Piccolo, ator de qualidade e pouco “explorado” pela tevê e pelo cinema.

É preciso também tirar o chapéu para Guilherme Leme, extremamente convincente como o policial paraplégico. Néelson Xavier e Chico Diaz, dois de nossos maiores na arte de interpretar, dispensam comentários adicionais. Engrandecem qualquer arena onde tomem parte. Rodolfo Bottino compõe com carisma e espontaneidade o publicitário sempre em busca da boa campanha. Mauro Mendonça tem atuação marcante. Ivone Hoffmann, em breve aparição, Micaela Góes e Dada Maia completam o afinado elenco.

A montagem de João Paulo Carvalho é qualquer coisa além da conta. Com uma trama cheia de idas e vindas, mesclando passado e presente de vários personagens, o montador deve ter tido trabalho redobrado. E o resultado é espetacular! Digno de todos os prêmios. Os recursos de passar para outra cena, e permanecer com as falas da cena recém-finda, em *off*, ratificam o labirinto fílmico, emoldurado por uma trilha sonora do mais alto quilate.



Cleo é Castana Beatriz em sua estreia no cinema ao lado de Danton Mello. (*Benjamim*, 2004).

Cleo Pires impressiona pelo carisma, beleza e sensualidade. Não à toa, venceu o Festival do Rio 2003 como Melhor Atriz, confirmando a velha máxima: “Filha de peixe, peixinha é”. Afinal, Glória Pires é de nossas poucas atrizes não egressas do Teatro, e ainda assim, de talento irrefutável, sempre citada por sua invejável capacidade interpretativa.

A reconstituição de época é outro ponto positivo. Uma delícia rever/conhecer o Rio de Janeiro de outrora. A direção de arte de Marcos Flaksmann é supimpa! Enfim, Monique fez um *Benjamim* de arrasar quarteirão. A fotografia mais escura nas cenas mais fortes, os grandes espaços vazios dos apartamentos procurados, a sessão de fotos de Castana e Benjamim à beira-mar, revelando uma Cleo alourada, fina, elegante, uma quase deusa daqueles dourados (?) anos de paixões, liberdade feminina, música de bom gosto nas rádios... e repressão a caminho.

Momento inusitado: a cena fotográfica dos modelos na praia... Um luxo! Como aliás é ótima toda a fotografia de Marcelo Durst. O roteiro, assinado por Monique, Jorge Furtado e Glênio Povoas é outro ponto a merecer destaque. E dando suporte a tudo isso a competente produção executiva de Elisa Tolomelli com auxílio luxuoso de Thaís Mello.

Uma das cenas mais lindas do filme é quando Benjamim aparece feliz da vida, depois de almoçar com Ariela, ao som de *Alegria* (composição de Chico Neves e

Arnaldo Antunes, composta especialmente para o filme) e distribui com mendigos da noite carioca os antigos figurinos com os quais posava de modelo, caindo no mar da enseada de Botafogo e a letra a dizer “A tristeza é uma forma de egoísmo...” Há também um momento cheio de graça, cuja leveza quebra por instantes o clima de suspense: o das jovens levando Benjamim à gincana. Lá uma delas inventa que ele é um famoso ator “de uma tragédia grega que está há três anos em cartaz...”

Interessante notar: apesar dos mimos que vai ganhando dos homens encantados com sua beleza exótica, Ariela é triste e essa tristeza só se revela por instantes, como nas vezes nas quais se debruça a escrever pra mãe ou o marido, ou quando senta pensativa junto ao fogão, como a dizer: “Pra onde vai me levar essa vida tão cheia de disfarces e de compromissos que assumo pelos outros?”

No caleidoscópio amoroso-aflitivo de Chico, mais um dado instigante: notem que Castana em conversa com Benjamim, os dois adolescentes, ela folheando imagens de santos, observa: “Nobres e santos estão sempre de boca fechada”. Ao que Benjamim, concordando, rememora: “Nunca vi Nossa Senhora de boca aberta”. Em seguida, um corte evidencia os lábios vermelho-sensuais de Ariela... Ela sempre a rir, de boca escancarada, nas cenas com Benjamim. Mas a infelicidade de Ariela está logo adiante e perpassa o filme como um tango de Piazzolla, o mesmo que emoldura alguns dos momentos mais tocantes da obra de Monique.

A relação dos dois algozes de Ariela - o marido Giovan e o patrão Cantagalo, integrantes de um mesmo misterioso clube, como lembra Cantagalo (Nelson Xavier). E o clube é justamente aquele dos homens de vida sem sexo, cujo prazer nasce de imaginar o objeto amado (?) sendo usufruído por outrem, para logo depois se consumir na morte desse outro.

Nesse emaranhado de perversão e “justiçamento”, a menina vinda do interior, ingênua e bem intencionada, que cedo perdeu a mãe e jovem achou ter encontrado o grande amor, vai vendo seus dias e seus sonhos se esvaírem como água correndo entre os dedos ao tempo em que atende as demandas do patrão e satisfaz o desejo mórbido do marido. Esses seus mesmos algozes refazem o percurso sangrento que levou a mãe dela à morte e, como se fazendo justiça com os poderosos “vítimas da rebeldia”, utilizam a mesma casinha pequenina que serviu de refúgio contra a repressão, para castigar com a morte os que, tal como a aguerrida Castana, buscam apenas prazer e amor, liberdade e justiça. Por isso, se vai Benjamim. Um reencontro drástico e inesperado com o “ninho” que abrigou Castana e viu nasceu Ariela.

Fique certo de uma coisa: ainda que você consiga não gostar desta história inspiradora, romântica, às vezes sórdida mas muito apaixonada e cinematograficamente competente, você pelo menos terá um, ou mais um, filme brasileiro para figurar no seu cardápio crítico de cinéfilo e poderá, mais tarde, contribuir com debates sobre a Sétima Arte Brasileira, onde quer que eles aconteçam.

Monique dedica esta sua obra-prima à irmã querida, não mais entre nós. E a cineasta fez à irmã, e a Chico Buarque, a melhor homenagem que poderia ter feito com esta jóia de filme que é *Benjamim*. Um DEZ emocionado e feliz para Monique Gardenberg e toda a equipe que tornou possível esta belíssima criação do genial Chico Buarque no cinema.





CAPÍTULO 9

CÉU DE EVIDÊNCIA SOLAR DENUNCIA DESAMOR

Karim Aïnouz terá o nome cada vez mais forte no Cinema. Para nós, seus conterrâneos, isso é motivo de alegria e orgulho.

João Moreira Salles e Sérgio Machado foram os primeiros a falar-me sobre Karim, palavras sempre elogiosas e de carinho. Portanto, o nome de Karim nunca me passou despercebido e sempre tive vontade de conhecê-lo de perto. Assim foi quando do lançamento em Fortaleza deste premiado *O céu de Suely*, segundo longa do conterrâneo.

Até aqui, depois de pouco mais de dois meses do lançamento do filme, já são 10 prêmios, entre nacionais e internacionais. O filme justifica todos eles. Uma pequena jóia da cinematografia mundial. Na produção, Walter Salles e Maurício Andrade Ramos - estes têm produzido alguns dos melhores filmes brasileiros dos últimos anos. Sabem em quem apostam e apostam com a maior competência.

Côncio de onde quer chegar, e sem desviar-se em nenhum momento de seu foco, Karim realiza um filme simples, sem grandes artesarias visuais, opta por filmar numa cidadezinha do interior cearense, convida para fotografar o craque Walter Carvalho, e reúne um time de desconhecidos para dar vida à história de Hermila, uma cearense cuja paixão lhe acena ainda muito jovem, daí a saída de casa quase adolescente para viver "o grande amor da sua vida" na cidade grande, fugindo da falta de perspectivas engessantes e tão próprias a quem vive em cidades distantes dos grandes centros urbanos (as exceções confirmam a regra).

Todos esses, Karim entrega a Fátima Toledo, nome de imediato associado a grandes atuações no nosso cinema - vide *Carandiru* e *Cidade baixa*, para citar apenas alguns. Em conversa com Zezita Matos e através de leituras e matérias televisivas, sei: o trabalho com Fátima é extenuante mas produz resultados precisos, o mais das vezes impensável até pelos próprios intérpretes. Dói, ameaça mas conduz ao ponto necessário a qualquer ator: entregar-se ao personagem de corpo e alma, sem questioná-lo mas absorvendo dele as mínimas pulsações, chegando a incorporar como suas as emoções, gestos, trejeitos, idiossincrasias e até a respiração do personagem. Para bom entendedor: ser ator e estar entregue às mãos e à sensibilidade de Fátima Toledo é como mergulhar no escuro mas com esperança de encontrar na volta um mar de águas cristalinas, propício a grandes saltos e braçadas relaxantes.

Portanto, ao entregar o elenco à Fátima, Karim já começou acertando. E foi mais além: ousou e convidou Hermila Guedes, Georgina Castro (também cearense), João Miguel, Maria Menezes e Zezita Matos para protagonizar sua segunda investida num cinema autoral do mais alto nível. De quebra, o elenco conta ainda com a

paraibana Marcélia Cartaxo, os cearenses Cláudio Jaborandi e Ana Marlene, e Flávio Bauraqui - ótimo como único personagem a esboçar revolta quanto à proposta de rifa ofertada por Hermila...

Caísse na tentação de analisar cena por cena e talvez tomasse espaço demais, ou poderia então deixar de fora algum detalhe importante. Ater-me-ei, portanto, às mais tocantes ao meu ideário sentimental. Vamos aos registros fundamentais: o olhar de Hermila, sempre triste, ainda quando pretenda esboçar alegria. Mesmo nos momentos ao lado de Georgina - refresco n'alma -, quando dança na noite ou cai nos braços de João Miguel - ainda assim lhe vai na alma é a tristeza pelo abandono de Matheus, o não entender nunca a "separação" sem sequer um aviso, uma despedida, um motivo concreto...



Hermila Guedes estreia em *O céu de Suely* (2006), premiado filme do cearense Karim Aïnouz.

Este o dado mais forte da atuação de Hermila: a capacidade de transmitir com gestos, olhares, respiração e postura a dor do abandono injustificado, do amor não correspondido, do tempo inutilmente desperdiçado, do saber-se desimportante no existir de quem imaginou construir vida longa em parceria, da constatação do quão foi em vão o filho, a saída de casa, o amor intempestivo, a paixão louca, o entregar-se sem pensar no amanhã. Ao definir este sentimento como o mais forte da personagem e de todo o filme, Karim arriscou-se pois não é nada fácil transmitir emoção tão dolorosa e tão conhecida de tantos sem cair no exagero, no pieguismo, no melodrama ou na compaixão fácil.

O cineasta conseguiu essa façanha com a delicadeza necessária a tornar ainda mais eloqüente sua mensagem sub-reptícia porque como se cravasse n'alma a cer-

teza de ninguém estar livre do mal da decepção amorosa, uma das maiores dores capazes de afligir o ser humano. E essa dor lancinante, misto da convicção do abandono e do desamor, perpassa o filme inteiro através da interpretação contundente da pernambucana Hermila Guedes.

Destarte, um resumo disso pode ser traduzido na cena onde João Miguel e Hermila caminham ao sol escaldante da cidade, ela à frente, passos largos, fugindo do desespero do amor interrompido; ele atrás, aflito, querendo escancarar seus sentimentos, sem entender porque o amor é tanto, porém incapaz de fazer a amada esquecer o amante fugidio. A cena acontece por entre trilhos de trem, simbólicos da vida aprisionada de Hermila - ela ainda almeja reencontrar Matheus, mas as dificuldades do cotidiano, sem perspectivas de sobrevivência menos carente, lhe apontam o caminho arenoso da prostituição para alicerçar sua busca por dias melhores em outros céus.

Hermila sonha é em arranjar dinheiro suficiente para não ser mais uma a viver com as dificuldades tão próprias da gente de sua cidade, como esboçam o dia a dia de Maria e da avó (aplausos entusiásticos para a soberba atuação de Zezita Matos).

A chegada e saída da personagem do seu árido Iguatu são outros momentos de forte significado. Início do filme, foco na placa à entrada da cidade (*Aqui começa Iguatu*): Hermila com o bebê dentro do ônibus, angústia ilusoriamente amenizada pelo cigarro, divide-se entre a tristeza pelo distanciar-se do pai do garoto e breve satisfação por poder voltar à terra natal, rever os parentes queridos, aplacar um pouco as dores a corroer quem opta por fincar a árvore distante do solo seminal. Ao final, igualmente num ônibus, sutil esboço de esperança a alimentar sua partida em busca de vida nova na cidade grande.

Em direção ao ônibus, vem João Marcelo na moto, apaixonado, tentativa vã de demolir da cabeça de Hermila o desejo de deixar Iguatu mais uma vez - foco na outra placa (*Aqui começa a saudade de Iguatu*). Tanto na cena inicial como no desfecho, Karim aproveita para reafirmar seu apreço pelo Ceará, olhar sempre atento às coisas de sua terra natal, uma melancolia às vezes machucante mas necessária, a saudade cotidianamente companheira. As placas à entrada e saída de Iguatu são recados de Karim à família, aos amigos, aos conterrâneos, como a dizer "Eu precisei ir em busca das melhores condições para exercer meu ofício mas a saudade caminha comigo, sempre".

Por esse olhar tão amoroso e delicado, Karim realizou uma obra onde o grande tema é o desamor. Captou com precisão a dor dilacerante de quem é abandonado

pela pessoa amada. Ótimos os momentos entre Georgina e Hermila - as duas conseguem invejável espontaneidade. Exponencial a cena na qual Hermila vai visitar a sogra, bebê nos braços, e esta lhe recebe com frieza tão desconcertante como a aridez do lugar onde vive.

O pequeno toque da geladeira nova na casa da sogra - "Matheus mandou o dinheiro há uma semana" - é de eloquência ímpar: tão fria como o objeto novo recém-adquirido para a casinha pobre cravada em meio ao sol inclemente do sertão nordestino, a fala da mulher é como uma faca amolada no peito de Hermila. Reveladora do presente ganho do filho distante, a fala de Marcélia é tão gélida como os sentimentos desta e do filho Matheus para com Hermila. Esta ainda pergunta: "A senhora acha justo eu criar o menino sozinha?" - E ouve como resposta: "Você queria o que? Meu filho tem apenas 20 anos... você sabe o que significa isso na vida de um homem..."

Acaso é diferente os 20 anos na vida de um homem e na vida de uma mulher? Na cabeça de quem foi criado no sertão, ou dos que pouco acesso têm/tiveram a quaisquer níveis de escolaridade, isso é diferente mesmo - até quando? Por conta dessa mentalidade tacanha, atrasada, sem sintonia com a realidade, até hoje, em pleno Terceiro Milênio, costumamos ler escabrosas notícias de mulheres assassinadas por maridos, amantes e até ex-namorados. Mesmo quando não querem mais, eles se acham donos da "companheira". E haja delegacia, instituições, entidades e psicologia para defender as mulheres... Até quando? Como diria Vininha: "*A mulher foi feita pro amor e pro perdão, cai nessa não, cai nessa não...*"

Para terminar, o registro nos agradecimentos ao querido amigo Aluizio Abranches, bem como ao trabalho de Bia Almeida, do cearense Armando Praça e da paraense Patrícia Baía (assistência de direção e produção de arte) - ambos premiados roteiristas residentes no Ceará - a competente trilha sonora (Berna Ceppas), o adequado figurino. Tudo colocado na medida adequada para melhor traduzir em imagens, gestos, expressões, silêncios e sinais, nem sempre aparentes, a inaceitável constatação do quão pouco vale um grande amor se é diminuta ou imperceptível a forma pela qual ele é recebido.





CAPÍTULO 10

NEM TODOS OS UNGUENTOS VÃO ALIVIAR...

Quem acompanha o movimento cultural, sabe: o filme *Cidade baixa* vem acumulando prêmios e críticas elogiosas por onde passa. Estreia do diretor baiano Sérgio Machado na ficção - antes ele dirigiu o pouco exibido (infelizmente) *Onde a terra acaba*, homenagem ao pioneiro Mário Peixoto. Mas quem proporcionou a Sérgio a primeira oportunidade de mostrar sua competência junto às câmaras foi Walter Salles Júnior, esta figura ímpar a quem tanto deve o cinema nacional.

Foi num teste para *Central do Brasil*, realizado no Teatro José de Alencar, em Fortaleza, meu primeiro contato com o assistente de direção de Walter. Sérgio me impressionou desde o primeiro momento pela simplicidade e simpatia. E quando vi o colosso no qual se transformou o filme mais marcante do final dos anos 90, o emocionante *Central*, comecei a acompanhar com atenção a carreira de Sérgio, ademais sendo ele parceiro de Walter, cineasta de minha maior admiração.

Vieram depois *O primeiro dia* e o belo *Abril despedaçado*, ambos juntando mais uma vez Walter e Sérgio. E Sérgio partiu para o documentário: *Onde a terra acaba* venceu 15 prêmios no Brasil e no exterior em 2001. Sobre ele, diz Walter Salles: "Sérgio é alguém que sabe ver e ouvir o mundo à sua volta, sensível ao que é intrinsecamente humano - e essas qualidades, esse acreditar, estão na base de *Cidade baixa*".

Dito isto, vou registrar algumas impressões a propósito do filme. Como atriz, meu foco prioriza sempre, instintivamente, a interpretação dos atores. E Sérgio conseguiu um elenco de primeira, por isso o filme já começa acertando. Tenho orgulho de ter entregue a Wagner Moura seu primeiro prêmio como Ator de Cinema.

Foi em 2002, quando ele sagrou-se Melhor Ator no Cine Ceará por sua participação em *As três Marias*. Não havia nenhum representante do filme em Fortaleza e eu, amiga do diretor Aluizio Abranches, mês seguinte iria ao Rio e consegui com a Casa Amarela, entidade realizadora do Festival de Cinema do Ceará, a concessão para levar o troféu de Wagner e também o Prêmio Samburá de Melhor Filme para meu querido amigo Aluizio.

No Rio, eu e Aluizio marcamos de nos encontrar num desses aprazíveis cafés da encantadora Ipanema. E o amigo me fez a grata surpresa de ir ao meu encontro acompanhado por Wagner, este ator baiano, já visto em *Abril despedaçado* (mas ele estava tão diferente no filme de Aluizio, que só o identifiquei quando Aluizio me falou da participação dele no filme de Walter). Wagner Moura é de uma simplicidade cativante, tal como é grandioso como Artista e excepcional Ator.

Agora Wagner ganha na Espanha o prêmio de Melhor Ator pelo seu Naldinho de *Cidade baixa*. E eu vibro com sua vitória, pois na minha sensibilidade é mesmo de Wagner a atuação mais intensa, marcante e visceral do filme de Sérgio Machado. Lázaro Ramos é intérprete igualmente cheio de qualidades e tem seu talento reconhecido em quase todo o mundo, acumula merecidos prêmios como Ator e costuma dotar qualquer personagem de grande significação.

Assim é também com Deco de *Cidade baixa*, assim como Lázaro está igualmente ótimo em *Cafundó*, de Paulo Betti, e em *A máquina*, longa de João Falcão, que deve fazer brilhante carreira neste 2006 que se avizinha. Mas até por já ter ganhado tantos prêmios, desta vez a bola estava preparada mesmo para o gol de Wagner. As cenas nas quais Naldinho aparece ensanguentado, quase morrendo por conta do golpe desferido contra ele no barzinho à beira da estrada (pelo personagem interpretado por José Dumont), são difíceis de acompanhar tal a veracidade com que são mostradas, tamanha é a qualidade interpretativa de Wagner. Arrepiantes.



Wagner Moura brilha em *Cidade baixa*, um dos primeiros filmes da carreira.

Pra mim, foi difícil ficar de olho grudado na tela... Outro momento de impacto é a cena do assalto perpetrado por Naldinho a uma farmácia: Wagner compõe com tal propriedade as nuances emocionais do personagem na aflitiva situação de quem começa a enveredar pelo mundo do crime, que consegue causar em nós, espectadores, aflição dupla, por ele e pelo funcionário assaltado. Supimpa !

Gosto de Alice Braga antecipadamente - pelo parentesco com Sônia e também por me lembrar sua mãe Ana Maria, de quem tenho saudades de ver na telinha com sua presença sempre alegre e de rara espontaneidade -, tem atuação singular para uma estreada e merecidamente vem recebendo aplausos por sua interpretação da assediada *stripper*, natural a ponto de seu próprio pai não ter reconhecido nada da

querida “Lili” diante da tela. A menina promete e sabemos: será uma das grandes estrelas do nosso Cinema, daqui por diante. E a tevê também irá fisgá-la, contribuindo para sua popularidade, ponto crucial para atrair mais público às nossas salas de exibição.

A ressaltar ainda no filme, além da competente direção de Sérgio, do trabalho de preparação do elenco por Fátima Toledo, a mão do conterrâneo Karim Aïnouz no roteiro, o apuro da direção de fotografia de Toca Seabra, a montagem soberba de Isabela Monteiro de Castro e a trilha sonora esmerada de Carlinhos Brown e Beto Villares. Um conjunto de grandes profissionais a provar o quão é coletivo o mérito de todo grande trabalho artístico.

Sérgio Machado é um doce de pessoa. Incrível como alguém de alma tão transparente, educação tão estampada no rosto e nos gestos, consegue fazer filme de matrizes subjetivas tão distantes das dele. O filme é incômodo por ser muito violento ou por destacar tanto a violência, sinal da globalizante contemporaneidade, próprio das zonas baixas das grandes cidades. Há muitas cenas de briga, deslealdade, agressividade, ciúme, violência... Nada disso faz parte do universo de Sérgio e por isso parece estranho ter sido este o tema de escolha para sua estreia na ficção. Mas Sérgio escolheu este tema com intenção declarada de afirmar: em toda zona periférica e em todo comportamento considerado à margem da sociedade, há estranhas ligações e incríveis semelhanças com nuances contidas no escaninho sentimental de qualquer pessoa, em qualquer classe social.

O filme é tão mais profundo quanto mais se descobrem nele, através de todos os muitos comentários já publicados a respeito, novos patamares de discussão sobre diferentes temas, suscitados a partir do enfoque narrativo. Em cada um, o articulista percebe nuances outras, o diretor em cada um toca viés de sensibilidade diverso. E assim, como em toda grande obra de arte, quanto mais significados encontramos em *Cidade baixa*, quanto mais leituras possamos fazer do filme de Sérgio Machado, mais o diretor afirma o acerto de seu foco narrativo.

Quanto mais lições se tire a partir de *Cidade baixa*, mais o cineasta prova sua enorme capacidade de transmitir o que lateja fundo na alma de toda gente habitante dos submundos das cidades grandes, nos quatro cantos do mundo, criando laços de sintonia entre os personagens mostrados na tela e os muitos personagens a habitar no fundo de cada um de nós, também seres com pequenos, grandes, leves ou sérios embates na área sexual porque, como dizia o imortal Freud, “Nem tudo é sexo, mas o sexo está em tudo”.



CAPÍTULO 11

**BRESSANE E UM FILME DE AMOR QUE É
UMA OBRA DE ARTE**

Um filme de Arte. Para todos, embora para entendê-lo, sensibilidade é fundamental.

Compreendê-lo em profundidade exige um mínimo de conhecimento cultural. Parafraseando Bressane, ao citar um de seus filósofos preferidos, *Filme de amor* nos encharca de Beleza. Como se fossemos, nós, espectadores, convidados a embarcar numa grande viagem emocional com ritmo, cor e luz própria. Neste mais novo filme de Júlio Bressane, tudo persegue e/ou revela a Beleza. Os textos, entrelaçados pela sensibilidade acurada do cineasta, são de uma profundidade quase metafísica. E têm na ousada fala de uma das atrizes seu momento mais contundente: “É o meu pensar sobre o prazer que me torna diferente de uma mulher vulgar”.

A história mostra três amigos. Como fuga da rotina estressante e medíocre, escolhem inusitado programa para o fim de semana: encontram-se num velho sobrado do centro carioca. Tomados pela embriaguez, ávidos por combinar amor e sexo, o desejo da plenitude orgástica, a busca inquietante pela beleza, o trio formado por um homem e duas mulheres, compõe o belo mosaico fotográfico de Bressane e Wálter Carvalho e representa com seu arcabouço emocional o mito das Três Graças.

As *Três Graças* são o Amor, a Beleza e o Prazer, a trindade simbolizada por Vênus, a Deusa do Amor. Pois é este mito transformado em fábula popular que o cineasta Júlio Bressane transpôs para a tela ao criar o antológico FILME DE AMOR, grande vencedor da 36ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro em novembro último.

Confesso: já saí de Fortaleza interessada em conhecer o filme. Pelas discussões suscitadas quando de sua exibição em Cannes e Veneza, por ser Bressane cineasta dos mais respeitados pela crítica especializada, merecidamente festejado no exterior e do qual conhecemos tão pouco, e, sobretudo, pela modéstia do diretor ao dizer que *Filme de Amor* “É um pequeno filme sobre um grande tema”.

Aliás, quando vi O MANDARIM, de 95, encantei-me com o olhar sensível e completamente singular de Bressane. Capaz de escolher como ninguém as músicas para emoldurar sua Sétima Arte. Que sabiamente insiste em ver sua obra interpretada por um ator do quilate de Fernando Eiras. Que há décadas faz filmes impactantes porque é sempre novo em sua forma de olhar e sentir o belo. E olha e sente sem arestas, sem preconceitos, sempre buscando encontrar novas visões para velhos temas, seja através das grandes coisas, seja pelas coisas mais banais. É ele mesmo quem diz: “Sobretudo na minha vida, vi gente tola surpreendente”.

E Bressane, revelador nas conversas e na criação cinematográfica de invejável bagagem cultural, surpreende sempre. *FILME DE AMOR* é uma refinada pérola encravada na história da cinematografia mundial. É um grande filme sobre um apaixonante tema.

Além de “Melhor Filme” do Festival de Brasília, *FILME DE AMOR* venceu também como Melhor Fotografia – a cargo do mestre Walter Carvalho – e Melhor Trilha Sonora – de Guilherme Vaz. Candangos super merecidos!!! Com os quais fiquei muito feliz. Alegria maior por ver o resultado coroando meu encantamento completo com a obra do cineasta pelo qual fui cativada logo na primeira criação a que assisti. Soberbo.

Outros concorrentes em Brasília mereceram aplausos mais calorosos. Mas eu fiz força para acreditar tratar-se apenas de reação da média do pensamento nacional, infelizmente ainda não instruída na medida necessária. Por isso ainda a aplaudir tanta coisa cuja lixeira seria destino mais apropriado. Enfim, venceu o mais belo, o mais apaixonadamente feito, aquele filme sobre o qual o diretor fala com tanta eloquência e emoção que nos convida a gostar de *Filme de amor* antes mesmo de vê-lo. Ou gostar mais ainda após conversar com ele.



Josie Antello, Fernando Eiras e Bel García na poesia bressaniana de *Filme de amor* (2003).

Filme de amor prosseguiu a carreira polêmica já levantada em alguns festivais fora do país. Em Brasília, também a plateia vaiou e aplaudiu o filme. Eu, particularmente, fiquei encantada. Desde os ambientes escolhidos por Bressane, as sequências na praia, o velho sobrado abandonado no centro do Rio, a inspiração no artista Balthus, os planos, a direção de arte e a exuberante fotografia de Walter Carvalho, passando do preto e branco ao colorido com maestria, o filme nos faz refletir/repensar sobre a tríade Beleza-Amor-Prazer.

E pensar não é decididamente o exercício preferido da maioria dos brasileiros. Como disse o próprio Bressane (em entrevista concedida após o debate pós-filme), “O cidadão brasileiro já vive tão asfocado com essa necessidade de arranjar emprego e manter trabalho que assistir aos filmes com ‘formato’ mais popular lhe resta às

vezes como única saída de um cotidiano massacrante e tantas vezes sem sentido. Infelizmente, venceu a civilização do trabalho”, diz o diretor.

Não por acaso, o filme venceu ainda pela Trilha Sonora. Guilherme Vaz (vencedor do Candango em 69 com *O anjo nasceu*) fez das músicas escolhidas para emoldurar o filme um espetáculo à parte. Especialmente quando a telona é encharcada pela beleza da enseada de Botafogo ao som de Lamartine Babo... A impressão é de estarmos diante de um quadro sonoro de algum grande pintor fascinado pela Cidade Maravilhosa.



O singular Júlio Bressane: cineasta tem cinematografia aplaudida mundialmente.

Chegar perto de Bressane foi mais uma feliz oportunidade concedida pela profissão. A inteligência generosa, o refinamento das atitudes, o debulhar natural do conhecimento profundo sobre tantos fazeres artísticos, a prestimosidade em conversar, tudo nele nos faz crer estarmos diante de um dos últimos gênios da raça.

Júlio Bressane é um dos mais belos e instigantes capítulos da História do Cinema Brasileiro. A ele, nossos aplausos entusiastas e comovidos.



CAPÍTULO 12

**SELTON MELLO E UM FILME PARA QUEM
QUER APRENDER A GOSTAR...**

Penso que quase tudo já se escreveu sobre *O palhaço*, a segunda incursão do ator Selton Mello na direção de cinema. Mas considero algumas coisas muito singelas e precípuas, daí o comentário. O filme de Selton me falou, de forma tão profunda e delicada, sobre alguns sentimentos, que gostaria de dividir minhas impressões com você, amigo leitor. Confesso: como a maioria, já gostava do filme antes de vê-lo. Não só por admirar muito Selton Mello e reconhecer nele um Artista profundo, relevante e necessário, como por todas as críticas favoráveis que li sobre *O palhaço*.

O palhaço é um filme que transpõe o espectador a um universo onírico, um oásis para ressaltar e incentivar sentimentos nobres. Um dos filmes mais tocantes e profundos dessas últimas décadas: inteligente, sensível, engraçado sem apelação, terno sem pieguice, intenso sem machucar. Um filme brasileiro do terceiro milênio, cujo foco não é a pobreza, misérias cotidianas, brigas, preconceitos, racismo, questões de gênero, drogas e afins.

Melhor dizendo: um filme revelador de dimensões importantes e cogentes da psique humana, sobretudo entre aqueles que fazem arte e carregam, no mais fundo de seu íntimo, uma intrincada certeza dos caminhos incertos e dolorosos, frágeis e muitas vezes solitários, de uma profissão cercada de dúvidas e constantes incertezas, ademais aqui quando está em foco um artista tímido, temeroso e inseguro da sua própria grandeza.

Selton Mello é uma espécie de mensageiro – sutil, instigante e profético – de ideias que nos perpassam o âmago, sorratamente, ainda que não as percebamos de imediato. Às vezes, é preciso que algum arcano, do quilate dele, se embrenhe nas quase sempre difíceis e sinuosas vias de acesso aos recônditos da emoção, para que possamos nos dar conta de certos sinais tão óbvios, tão incrustados, mas quase nunca de fácil aceitação ou tradução.

Com comovente simplicidade e uma ternura que brota espontânea de sua interpretação visceral, Selton Mello nos comunica aspectos fundamentais de seu itinerário artístico e suas implicações com o sensório que lhe arrebatava a alma. Esses aspectos nos empatizam de imediato e nos fazem enveredar por trilhas emocionais que ele tece com profundo cuidado e corajosa imersão.

Nesse caminho, consegue expressar - através da composição invejável de um personagem aparentemente corriqueiro e sem nenhum atrativo especial -, nichos profundos de sua visão de mundo, suas impressões a respeito das relações humanas, e os muitos matizes de que é composta a sua (nossa) tessitura humana: frágil

e corajosa, serena e aguerrida, sensível e sensata. Assim, Selton revela-se mais maduro a cada obra, embora mais sofrido (caminho natural para onde nos conduz a maturidade), e mais verdadeiro, tocante, profundo, essencial e necessário.

Uma das cenas mais tocantes é o reencontro dos palhaços. A cena está encharcada da alma do próprio Selton e é, sobretudo, ele que vemos na troca de olhares e sintonias com Paulo José. Quando os palhaços – *Pangaré* e *Puro Sangue*, filho e pai – se reencontram e se entreolham entre felizes e reflexivos – ali está o encontro de dois grandes símbolos do Cinema Brasileiro: o ator maduro, também roteirista e diretor, o ator que descortinou caminhos e é uma das grandes inspirações do outro.

O encontro de *Pangaré* (Benjamim) e *Puro Sangue* é o encontro do inspirado artista Selton Mello com o magnânimo artista Paulo José, como se um estivesse a dizer ao outro ‘Eu sigo este caminho porque você veio antes e iluminou’; o outro interagindo ‘Prossiga nesta trilha porque você faz como eu faria’.

Ver Selton Mello atuando é um bálsamo para os olhos, os ouvidos, a alma. Mas vê-lo atuando neste *O palhaço* (criação sua, com roteiro dividido com Marcelo Vindicatto) é deleitar-se numa criação soberba, irretocável, de um Artista que tem a ousada coragem de fazer um mergulho profundo em seus escaninhos emocionais e submergir deles cada vez mais forte, sereno, estraçalhado muitas vezes mas possante e determinado por força desta coragem, suprema e catártica.

Ressalte-se: o filme é mais uma parceria Selton Mello-MondoCane e Vânia Catani-Bananeira Filmes. Um acerto auspicioso. E faz-se necessário ao menos um parágrafo para falar no elenco, esse encontro feliz que Selton Mello gerou, proporcionando à platéia conhecer novos atores e rever alguns outros de quem tínhamos até saudade e não sabíamos. Porque não bastaria apenas a proficiência do roteiro, a habilidade da direção, nem a qualidade técnica da atuação de Selton para ofertar ao filme o êxito de público e crítica que alcançou: a excelência de toda a equipe técnica de *O Palhaço* é fundamental para o sucesso da obra.

Giselle Motta, a bela morena que faz a *partner* do palhaço *Puro Sangue*, dançarina do Circo Esperança, é uma gratíssima revelação. Dona de visível sensualidade, Giselle é também bailarina e emprestou ao filme seus dotes de coreógrafa, tendo ela própria criado a bela coreografia com a qual entra em cena no filme. Sua personagem exige nuances expressivas, as quais Giselle alcança com competência e sensibilidade. Uma atriz de teatro que Selton revela para a telona, e que ainda há de merecer vários outros papéis no cinema. Um brinde à descoberta de Giselle Motta !

Teuda Bara, atriz de sólida presença no grupo de teatro mineiro Galpão, é um tipo perfeito para assumir as pegadas do roteiro. Delícia acompanhar sua atuação. Ótimas as participações de Moacyr Franco, Ferrugem, Tônico Pereira, Jackson Antunes, Fabiana Carla, Erom Cordeiro, Alex Sander, Phil Miller e Larissa Manoela. Toda essa trupe ajuda a compor um painel imagético-interpretativo primordial para o êxito do filme. Dentre esses, considero estupendo o 'achado' do ator Renato Macedo, que compõe com galhardia, espontaneidade e pungente alegria um dos tipos mais expressivos da obra.

Quem também aparece, qual mineiro anjinho barroco, para enfeitar a tela e resplandecer esperança é a bela Bruna Chiaradia, mais uma oportuna descoberta de Selton. Ela faz Justine, após ter feito testes, e revela fazer um personagem que ajudou a criar: "Selton é generoso e deixa espaço aberto para o ator. Ele gosta de chamar o roteiro pelo nome espanhol, guión, que não é um roteiro e, sim, um guia para o ator". Assim, ela conta que, durante um ensaio, improvisou ao esquecer o texto, e esse improviso acabou virando parte do filme: "Os atores dão opinião e isso é tão bonito, porque a gente constrói junto e se sente parte", diz Bruna, emocionada.

E um destaque todo especial para a ótima atuação de Danton Mello, que 'duela' com o irmão em pé de igualdade e compõe com ele uma das cenas mais engraçadas e interessantes do filme. Assim, com a magistral composição de tipos que conseguiu desenhar, Selton Mello imprimiu ao ecrã um painel artístico bastante impactante e digno, que autoriza com louvor sua óbvia e assinada inspiração *felliniana*.

Outrossim, o que ressalta mesmo no arcabouço poético deste segundo longa de Selton Mello (impregnado de sutis e belas referências à cidade onde nasceu, aos circos de sua infância, ao amor pelos pais, que aparecem em rápidos closes) são todas as filigranas de suas entranhas pessoais - influências, sensibilidades, inspirações, coerências, homenagens, gratidões, afetos, sintonias, e relações humanas - que adentram, pontuam e perpassam todo o filme com uma singeleza cativante, irrecusável.



Selton Mello protagoniza *O palhaço*: um Senhor Artista, na frente e por trás das câmeras.

É de tamanho valor o que Selton Mello nos apresenta em *O palhaço* com propriedade, sensatez e ternura, que essas suas referências – profundas, viscerais, intrínsecas – acabam por nos contagiar e, quando o letreiro sobe, não há como conter a emoção, as lágrimas, o envolvimento e a completa adesão ao artista grandioso e profundamente imerso em suas verdades que é Selton Mello.

Portanto, Selton Mello: por nos transmitir sentimentos tão meritórios – como a bondade, a pureza de intenções, a cortesia, a gratidão, a reverência aos que vieram antes, o cuidado com o próximo, a atenção aos de maior idade, o carinho com os menos privilegiados, o respeito pelas diferenças, a delicadeza com os que fogem aos padrões midiáticos, a imensa solidariedade aos desajeitados, rejeitados ou tronchos de desafeto -, e por nos conduzir a estas reflexões com o dom da inocência, da sensibilidade e da ternura, nós lhe parabenizamos e agradecemos.

E lhe desejamos vida longa, cada vez mais Cinema, força e ousadia, agradecendo pela beleza da Arte que você faz com tanta propriedade, vocação e sentido de quem comunica para entrar em contato com o próximo, e entrega a esse encontro o melhor e o mais profundo de seu ser.

Da plateia, é fácil deleitar-se com a interpretação carismática e irretocável de Selton e Paulo José. A graça do personagem de Selton – o palhaço Pangaré/Benja-

mim – nos contagia desde a primeira aparição. A trama vai nos comovendo mais a cada *take*, e de repente estamos completamente absortos naquela história aparentemente tão despretensiosa e comum.

Quando a tela escurece e a xilogravura assume a cor exibindo os créditos, ao final de 90 minutos, você percebe que nem viu o tempo passar mas está completamente impregnado pelos sentimentos, sensações e emoções com as quais Selton Mello imprime vigor, e rigor técnico indiscutível a mais um filme seu, suas marcas pessoais de Artista. Relevante e necessário a seu tempo, um tempo que precisa de muito mais Artistas com a estirpe de Selton Mello, e de muito, mais muito mais pessoas com a riqueza de alma e grandeza de valores que Selton Mello traz no coração e que transmite, até sem o saber.

Um abraço muito comovido ao ator-cineasta e um Parabéns muito caloroso a toda a equipe que tornou possível este Palhaço cheio de charme, carisma e verdades profundas que é o palhaço do Circo Esperança de Selton Mello.



CAPÍTULO 13

PRA QUE A ALEGRIA VIRE MODA

A máquina, filme de estreia de João Falcão, teve sua primeira exibição em outubro passado. Acompanhei sua passagem pelo FestRio. Os comentários eram todos muito favoráveis mas confesso ter ficado completamente embasbacada com a beleza impactante do filme de estreia de João. O filme já começa muito belo, vibrante, com vigorosa interpretação de Gustavo Falcão dominando a tela e, pouco a pouco, tomando o coração da plateia.

Tive o enorme prazer de conhecer o filme em sessão especial em Goiânia, durante a primeira edição do Festival de Cinema promovido pela Prefeitura Municipal com curadoria de Débora Torres. E meu prazer foi maior porque assisti ao filme ao lado do protagonista, Gustavo Falcão, ator a quem só conhecia de nome e por fotos de jornal. Com ele, ri, me emocionei e me envaideci por sabê-lo nordestino como eu, danado de bom, cujo berço interpretativo foi construído no Teatro, enigma encantador e fascinante para todos nós, atores. E aí está a explicação: por ter sido gerado na fonte mais pura da Interpretação, Gustavo consegue alcançar com maestria invejável o patamar interpretativo arrebatador de toda a imensa plateia presente ao Cine Lumière naquela quarta-feira goiana de muita vibração e alegria contagiantes. Olhando Gustavo, quase me belisquei sem acreditar: estava sentada ao lado de um exemplo de simplicidade e despreendimento, a esconder um ator de talento excepcional.

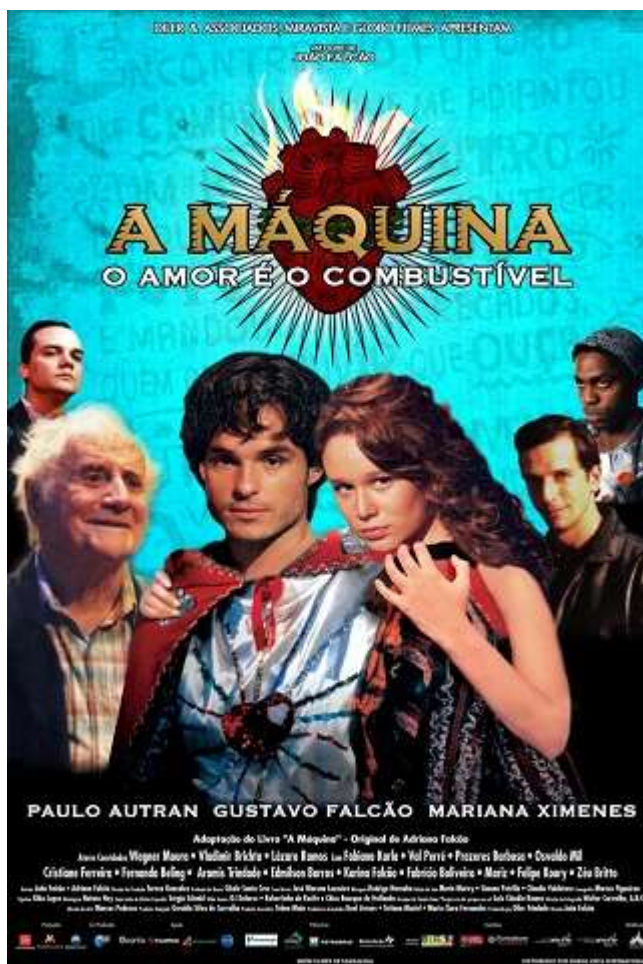
João Falcão teve seu talento revelado através da TV Globo. Roteirista e diretor, egresso do teatro, João é também o responsável pela mudança para o Rio de um grupo de atores nordestinos, todos ótimos: Lázaro Ramos, Wagner Moura, Vladimir Brichta, Gustavo Falcão, Aramis Trindade e Zéu Britto. Na capital carioca, por cinco anos, eles apresentaram o espetáculo *A máquina*, nascido do romance homônimo de Adriana Falcão, mulher de João, e lá a tevê os descobriu. Em pouco tempo, começaram a fazer participações em programas globais e a empatia com o público foi quase imediata. Então, em boa hora, este danado João resolveu transpor *A máquina* para o cinema e o filme torna-se ainda mais valoroso por tratar-se do primeiro.

João Falcão conseguiu realizar um dos mais significativos e belos filmes brasileiros dos últimos anos, filme para atravessar gerações arrebatando plateias, com louvor. Penso que deverá ser um dos grandes êxitos do cinema brasileiro este ano. Além de super bem produzido e com uma direção hiper competente, faz enorme bem à alma assisti-lo porque leve, pra cima, sensível, irônico, crítico, reflexivo, imperdível. Sem dúvida, um dos mais belos filmes já feitos no país.

Gustavo Falcão faz o mesmo papel de Paulo Autran, igualmente fabuloso, separados por um intervalo de 50 anos. Os dois contracenam em pé de igualdade. Um

luxo sem tamanho reunir dois atores de gerações tão diferentes e de talentos tão semelhantes. Sem dúvida, este dado é essencial para o espetáculo fílmico de João Falcão. Difícil comentar *A máquina* tendo-o visto apenas uma vez, sem medo de estar esquecendo algum detalhe. Mas às vezes os riscos são necessários.

A história de *A máquina* é ambientada numa pequena cidadezinha do sertão, a pacata Nordestina, onde vivem os apaixonados Antônio e Karina. Acontece de ela estar cansada do marasmo e do dia-a-dia sempre igual. E Antônio resolve sair de lá em busca de novos rumos para trazer as notícias do mundo pra ela, a fim de que a amada não se perca dele, não o largue nunca. O tempo inteiro, o olho gruda na tela e as emoções vão grudando na alma, sucedendo-se sem perder em qualidade nem gradação. Supimpa !



A máquina (2006): sucesso do teatro ganha versão de cinema.

Sutil, inteligente, vibrante, perspicaz, audacioso e intensamente belo este filme de João Falcão. O diretor constrói um imenso leque de possibilidades cinematográficas, descortinando ao longo da história um mundo novo e completamente impactante para o personagem Antônio, cuja trajetória começa a ser desenhada partindo de expressivo quadro na parede, o qual adquire movimento em belíssima tomada,

na qual ele e a mãe (a ótima Fabiana Karla) se comunicam numa cumplicidade de dar inveja. Mas o ápice do desempenho de Gustavo acontece quando Antônio participa de um programa televisivo, onde concede entrevista a um apresentador cuja única preocupação são os números do Ibope. Este tem em Wagner Moura o intérprete sempre iluminado e a cena dá o mote para Gustavo exibir todo seu enorme potencial interpretativo.

Gustavo compõe de forma visceral o Antônio, sobretudo no momento de maior exigência, o Monólogo da Audiência ou o Discurso da Tevê, acme da maestria do texto de Adriana, da direção de João e da capacidade interpretativa singular de Gustavo Falcão. Um banho de talentos pernambucanos unidos numa exponencial realização cinematográfica, filme com capacidade para ser uma das grandes bilheterias deste 2006 de início tão promissor para a Sétima Arte Brasileira.

A máquina é, antes de tudo, isto: a exacerbação da criatividade artística em todos os níveis. A começar pela grandiloquente dramaturgia de Adriana Falcão. Por conta das filigranas da criação dela, inspiradora da direção acurada de João, o elenco tem nas mãos o sumo da argila preciosa a lapidar, apropria-se do texto tornando-se dele coautor e atua como confidente de João. Aí não tem outro caminho: é bola na rede o tempo todo.

Humor, alegria, reflexão existencial, paixão, crítica social, tem de tudo em *A máquina*. É possível rir, chorar, se emocionar de todas as formas, na mesma proporção. Um achado fabuloso o nome do conjunto responsável pelo lindo Baile de Máscaras em Nordestina. É o *The Sconhecidos...* Essa cena, aliás, é *Qualquer coisa além da beleza*, como diria meu adorável Vinícius de Moraes.

Há ainda frases nas quais a simplicidade e o profundo dão as mãos em invejável sintonia: “E não tinha medo de fugir do perigo...”; “O amor zomba dos anos...”; “Não se avexe não que tudo pode acontecer, inclusive nada”... E o “dueto” de Gustavo e Wagner Moura (outro excepcional ator da nova geração) já seriam suficientes para estarmos diante de um grande filme.

Para nós, amantes e fazedores *teatreiros*, é uma enorme satisfação constatar: todos os atores são crias do Teatro. E ousar afirmar: por isso mesmo, estão magnânimos. À mesa com o Antônio envelhecido (Paulo Autran), Wladimir Brichta, Lázaro Ramos, Zéu Britto, Aramis Trindade, todos enfim, encharcam a tela de verdade cênica. Desnecessário apontar melhores. A cena é grandiosa porque todos estão harmoniosamente exímios nos difíceis mistérios da criação *stanislaviskiana*.

Quem nutriu-se dessa fonte, utiliza-se dela mesmo quando não sabe disso. Contagiada a plateia, confirma-se a sensibilidade aflorada por esse tênue condão emocional com que se bordam as teias da interpretação dos grandes Atores. Destaque também para a ótima participação de Prazeres Barbosa, atriz pernambucana convidada a viver Prazeres na tela. E para a trilha sonora, onde inclui-se música composta especialmente por Chico Buarque.

Indagações sobre o tempo e as alterações por ele provocadas na vida de cada um, refinada e incisiva crítica à sociedade midiática na qual vivemos todos, muitos agindo como amorfas marionetes, uns mais outros menos teleguiados, e um clima contagiante de festa e alegria sem pudor são os grandes trunfos de *A máquina*. A crítica torna-se mais contundente e inconteste na medida em que João é um dos mais festejados diretores da emissora de tevê de maior audiência e em tudo que faz deixa a marca da criatividade, da ousadia, da riqueza de caminhos artísticos.

A Alegria tem um layout de festa permanente e o sol colorido do Nordeste espalha vida e sensualidade na tela (excepcional a fotografia do mestre Walter Carvalho !), convida a festejar sem parar e tudo funciona além do combinado, como se pudéssemos deter o tempo e reprisar os melhores momentos, temperando tudo com gostinho de brincadeira popular encenada nos enormes quintais da infância sem violência de outrora, capaz de nos transportar até o tempo cantado por Chico quando ele brincava de cowboy, rei, bedel e juiz e onde “a gente era obrigado a ser feliz”.

Mas *A máquina* é muito mais que isso. É uma prova inconteste de que se pode ser absolutamente popular com extremo refinamento e poder de reflexão crítica. Um show de João Falcão e de toda a equipe, a quem aplaudo com efusão.





CAPÍTULO 14

O CINEMA BRASILEIRO É UM *CAFUNDÓ* !

Por duas vezes, tive o prazer de assistir a *Cafundó*, filme de estreia do ator Paulo Betti na direção. O filme começa a ser lançado mês que vem, primeiro no interior de São Paulo, depois vai ao Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte, sempre com Betti participando de encontros com a plateia para conversar sobre o filme. Em breve vai chegar à sua cidade e você já está convocado para uma sessão: é programa obrigatório e prazeroso para cinéfilos, estudantes, professores e interessados em cultura de modo geral.

Betti está de Parabéns. Com o filme, revela novas facetas: competência para dirigir equipe tão grande, ousadia em realizar história tão complexa e garra para enfrentar e superar todas as dificuldades que (ainda) acometem os que se aventuram a fazer Cinema no Brasil. O ator/diretor realizou uma superprodução após 10 anos acalentando um sonho, e com muita ousadia, desgaste, pedras no caminho e fôlego invejável conseguiu concretizar com dignidade o filme alimentado durante tanto tempo. Pela segunda vez, o filme é muito melhor: descobri um feixe de janelas novas a se descortinarem diante de meus olhos.

O início é bem singular, como um prólogo teatral, passado nos dias de hoje: Lázaro Ramos no meio da agitação do centro paulista tentando conseguir recursos com truques de mágica. Daí o filme começa e nos transporta ao passado sombrio da escravidão, do preconceito escancarado, da exploração dos mais pobres e mais fracos pelos donatários do Poder. E vai-se descortinando a história do *Cafundó*, onde estão enredados os personagens de Lázaro e Leandro Firmino da Hora (ótimas atuações), complementados por grande número de figurantes, atores e atrizes coadjuvantes, dando cor e vida às muitas ramificações da história de João de Camargo, baseada nos fatos reais que povoaram as histórias contadas a Betti desde a infância.

O *Nhô* João de Camargo construiu uma estrada no caminho da roça do avô de Betti, portanto, ele tem propriedade para contar esta história e o faz de forma muito inteligente, instigante, mágica até, compondo através de esmerada produção (leia-se Rubens Gennaro e Virgínia Moraes), rodada em várias partes do Paraná, um painel vasto, denso, rico e bem fotografado do país, com caprichada direção de arte e elenco cativante. Destaque para a composição do *take* no qual Juliana Betti canta em trajes de época à frente de uma procissão. A cena é de uma beleza ímpar e a voz de Juliana é um bálsamo.



Lázaro Ramos protagoniza *Cafundó* (2005), primeiro filme de Paulo Betti.

O filme é um painel atrativo de cores, ritmos, crendices, superstições, misticismos, preconceitos, atrasos e sincretismos religiosos. Feito a tradução de um autêntico *cafundó*, entranhado no fundo de cada um de nós como um reflexo, por vezes incômodo, da personalidade de cada brasileiro, eivada de sincronias e dessintonias, anacronismos e anagramas, complexidades e incompletudes, razão e emoção, dúvidas e incertezas, vertentes multifárias e versões as mais díspares a brotar sem limites de cada uma de nossas diversas matrizes sentimentais e arcabouços genealógicos. Forma-se assim um caleidoscópio rico, super colorido e complexo, o qual, de onde quer que se observe, produzirá novas figuras, outros conceitos e muitas interpretações, conforme seja o sentimento a trafegar pelas vielas da alma no instante em que o observemos.

Cafundó tem dor, sofrimento e luz, tem sexo, desejo, aventura, arte (como na linda cena da construção do santo para a igreja da Água Vermelha), perseguição, fé, afirmações e relutâncias, mulheres altivas e homens guerreiros. Aplausos para a excelente direção de arte de Vera Hambúrguer, a fotografia de José Roberto Eliezer e a interpretação de Valéria Mona (Melhor Coadjuvante no FestCineGoiânia).

O filme de estreia de Paulo Betti e Clóvis Bueno tem ótimo padrão técnico e grandes qualidades artísticas. *Cafundó* é uma história forte e cheia de recônditos sinais dos muitos paradigmas formadores da verdadeira alma nacional, cujo desfecho evidencia mais uma das facetas de João de Camargo, também compositor, com a Banda 5 (nome da banda criada por ele) entoando algumas composições próprias, em frente à igreja tão procurada e querida pelo povo. Um fecho de ouro para um filme de impressionante brasilidade.





CAPÍTULO 15

PARA SER MAIS FORTE AMANHÃ

Olga, longa de estreia de Jayme Monjardim, conta um pouco da trajetória sofrida, corajosa e triste de Olga Benário, a judia alemã primeira mulher de Luiz Carlos Prestes, “O cavaleiro da Esperança”.

São duas horas e 20 de projeção. Não senti o relógio andar. A belíssima fotografia do filme, a produção de arte, a montagem, a cenografia, a competente maquiagem, diversos pontos a merecer calorosos aplausos, a impecável atuação de Camila Morgado e a semelhança física de Caco Ciocler com Prestes (além de ser ele um dos grandes atores de sua geração), tudo em *Olga* impressionou-me positivamente. Diante do que já havia lido sobre o filme, as cenas de *making of*, o elenco precioso, por todas essas coisas, sabia estar diante de obra valorosa. Mas nunca imaginei ver tanto. *Olga* será o grande boom do Cinema Nacional este ano: algo tão belo e artístico como “Diários de Motocicleta”, oxalá com tanto público como Cazuza. E digo mais, sem medo de errar: o filme dará muitos prêmios a Camila Morgado, esta jovem atriz que a televisão foi buscar, em muito boa hora, no teatro.

Camila é ex-aluna do genial Antunes Filho e como tal já chegou à tevê como quem chega pisando em terra firme. A atriz foi a presença mais marcante na minissérie *A casa das sete mulheres*, sua estreia televisiva num trabalho de Maria Adelaide Amaral coroado de êxito. Quem teve o prazer de assistir à *Casa* sabe o quanto Camila teve atuação exponencial na história, não só pela força de seu papel mas sobretudo por sua garra interpretativa, sua entrega incondicional à verdade da personagem e seu carisma singular.

Foi a partir dessa interpretação que o diretor Jayme Monjardim descobriu em Camila a Olga que queria para protagonizar seu filme. Acertou em cheio. Depois de assistir à *Olga*, tem-se a impressão de que Camila desde muito nova sabia que faria este papel. Ou por outra: assistindo à *Olga* tem-se a certeza do acerto de Monjardim ao escolher a protagonista da obra. Da plateia, é difícil distinguir onde começa a Olga e onde termina a Camila. Um show de Atriz ! Um luxo de Interpretação !

As cenas de sexo são abordadas com tal delicadeza e plasticidade que comovem, como convém, ao invés de excitar. É de tal singeleza a forma como Monjardim, o diretor de fotografia Ricardo Della Rosa, em trabalho primoroso, a produção de Arte e o autor da trilha sonora (Marcus Viana) colocam a nudez do casal protagonista em evidência que vê-los acalma os sentidos, acaricia a emoção. Mais uma bola na rede.

Caco Ciocler, Luís Mello, Eliane Giardini, Floriano Teixeira, Murilo Rosa, Osmar Prado, Paschoal da Conceição, Werner Schünemann, Milena Toscano, Oscar

Simch, Eliana Guttman (excelente como a enfermeira cruel), Odilon Wagner, Mariana Lima, Guilherme Weber, Zé Dumont, Leona Cavalli, Sabrina Greve, Jandira Martini estão todos ótimos, no tom certo. Dizer o que da magistral Fernanda Montenegro, a Dama-Midas, responsável por tornar ouro tudo que toca, onde toca e como toca? Só em ter a sensibilidade de escolher uma atriz do quilate de Fernanda para interpretar a mãe do principal personagem masculino, Monjardim já estaria de Parabéns.

É preciso também destacar a presença forte e a interpretação magnânima de Renata Jesion, banho de intérprete como a Sabo, companheira de “missão” de Olga. A garota escolhida como filha de Olga, a doce Isabela Coimbra, e a cena linda do encontro de Olga consigo mesma, às portas de sua hora final, lembrando a mesma menina aguerrida que queria pular sobre a fogueira aos 10 anos, escapando da tutela do pai, são de um simbolismo forte, tocante, talhado para o momento mas só possível graças à extrema sensibilidade do diretor.

Por várias vezes, as lágrimas me dominaram. E não só quando inocentes eram massacrados mas sobretudo na cena do difícil parto de Olga -incontida comoção! - e na terrível separação dela e de sua pequena Anita.

Há muito mais para dizer sobre o filme, já na história da Sétima Arte nacional como um dos mais belos exemplares já produzidos no país. Quero apenas enfatizar o dado que achei mais importante com relação ao filme de Monjardim: a opção por deixar todos os atores falando em português - com esparsas exceções. Seria talvez mais fácil recorrer à dublagem para colocar alemães, franceses, russos, suíços, etc em cena.

No entanto, ao colocar os personagens, e sobretudo Olga, falando em português, Monjardim fortalece a interpretação dos atores, permitindo à plateia embarcar num mergulho fundo e audaz na conturbada história de Olga, facilita o entendimento do público e, o mais relevante, desnacionaliza a opressão e os regimes ditatoriais, sendo esses abjetos em qualquer língua.



Camila Morgado em atuação primorosa como *Olga* (2004).

A estupidez não tem pátria; a brutalidade não tem explicação; jamais haverá compreensão para a tortura, em quaisquer língua ou país seja exercida. Esta a lição mais importante do filme. Que tem ainda a força do amor sobrepondo-se à arbitrariedade dos tiranos sanguinolentos, a indagação contundente de Olga - “Será que o povo quer mesmo isso pelo qual tanto lutamos?”-, e a consagração da certeza de que ninguém é imune ao amor. E a vida de Olga foi assim, destemida, digna e coerente até o fim, fiel ao amor nascido da enorme admiração por Prestes. Como ela mesma disse, no trecho final de sua última carta, endereçada a ele e a filha Anita: “Até o último momento, manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir, para ser mais forte amanhã”.

Olga é um filme de impressionante força e beleza. Recomendo-o, sem medo de errar. E digo mais: dá um tremendo orgulho do Cinema Nacional assistir à obra tão bem feita, cuidada nos mínimos detalhes, ao mesmo tempo tão emblemática, amorosa, bela e transformadora.



CAPÍTULO 16

ZUZU E A ESTUPIDEZ DE UM TEMPO DESNECESSÁRIO



Z*uzu Angel*, filme de Sérgio Rezende que estreou simultaneamente nas principais capitais do país, inscreve-se já não só como um dos melhores filmes do ano mas como um dos mais importantes filmes da Cinematografia Brasileira.

Patrícia Pillar aproveita com maestria a oportunidade de exprimir-se em toda a sua amplitude interpretativa: comove, assusta e promove a adesão total do espectador à causa tão nobre perpetrada por Zuzu, símbolo máximo da dor vivenciada num tempo qual *página infeliz da nossa história...*

Se outros méritos não tivesse, só por “revelar” a tantos a barbárie emocional vivida por essa mulher, Sérgio Rezende, sua produção e seus patrocinadores já mereceriam louvores. Ademais porque, apesar de história tão dolorosa, foi capaz de criar cenas de lancinante beleza - como as de Zuzu-Patrícia esvaindo-se em dor pelos vidros da sala e na banheira, além da expressividade da presença dela ao final do desfile onde surge, Dama Negra, foto do filho desaparecido nas mãos - inscritas agora nos anais do cinema.

Sérgio vai muito além do registro histórico e consegue criar uma atmosfera de silêncios, sustos, tensão subjacente, sem deixar de mostrar a Zuzu refinada, de extremo bom gosto, dedicada aos filhos e vocacionada para a Paz e a Justiça. Através de pequenos detalhes, o cineasta denuncia sua intimidade com o tema e proporciona um espetáculo fílmico de força avassaladora. Escolhe a ordem interrompida para melhor conduzir-nos pela trajetória de Zuzu (o roteiro muito bem armado por Sérgio e Marcos Bernstein é outro trunfo, idem a competente câmara de Kika Cunha).

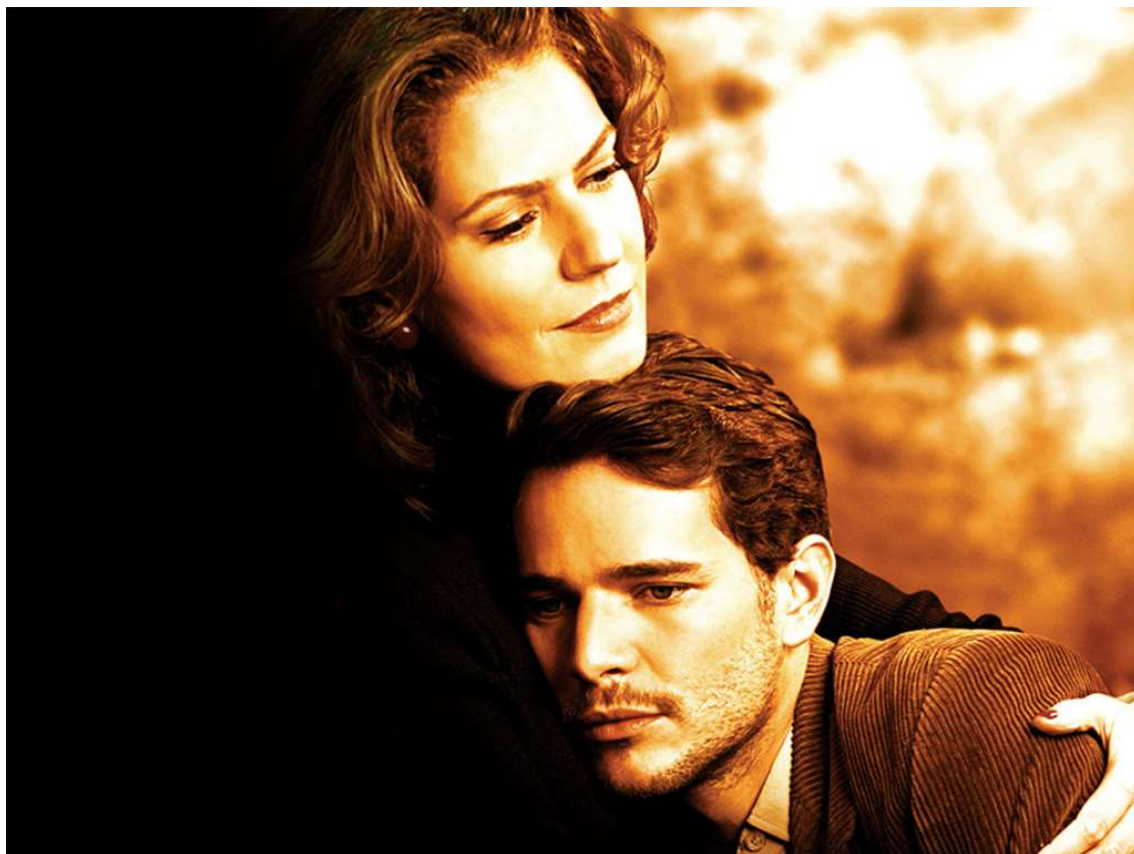
O foco na fruteira de cristal antiga sem fruto algum, na mesa vazia de apartamento simples mas bem decorado, impregna o olhar num misto de simplicidade e afirmação do momento prenhe de indagações. A tomada inicial, belíssima fotografia da baía de Guanabara, com *takes* seguintes fundindo o apreensivo rosto de Zuzu saindo do apartamento, o carro na estrada Rio-Minas, ela com antigo gravador a registrar toda a sua agonia - gravação amedrontada mas consciente da importância do registro para a posteridade -, a ida à casa do amigo Chico para deixar a carta decisiva, a cena do “tenente” descendo a enorme escadaria esmaecida e a queda do revólver como ápice, além do final ao som da bela e dilacerante canção de Miltoninho e Chico Buarque para a Angélica dos anjinhos pretos, são indícios de um diretor maduro, que sabe o terreno em que pisa, porquê pisa e como pisa. Apaixonado por música, Sérgio entrega a Cristóvão Bastos a trilha, encaixe perfeito, sobretudo na cena do acidente no qual se ouve a lendária *Apesar de você*.

Chico Buarque, Nosso Artista Soberano, mais uma vez está presente como genial criador e ser político-social dos mais necessários, dignidade invejável. É aquele que, apostando numa causa, consegue adesão imediata tal seu carisma e respeito construído ao longo de anos de uma estrada consequente, aguerrida, iluminada, daí o amplo respaldo junto ao imaginário nacional de Justiça e Solidariedade. Como se em uníssono, ecoássemos: “Chico apóia? Então eu também apóio”.

Agora vamos ao elenco, onde todos estão bem: Camilo Bevilácqua protagoniza um preciso tom inicial, fazendo antever o martírio a ser vivido pela estilista, ao lado de um não menos expressivo Antônio Pitanga. Néelson Dantas, Paulo Betti e Ivan Cândido, atores de inegável sensibilidade, em pequenas aparições, mostram o porquê do prestígio alcançado junto à crítica especializada. Alexandre Borges, participação especial como advogado de Zuzu, destaca-se com atuação comovente, sobretudo na cena do Tribunal - onde também é marcante a presença de Tião D’Ávila.

Outra geração é representada por Caio Junqueira, magnífico na expressão de dor pela perda do companheiro, amigo leal e querido. Difícil expressar o impacto da cena na qual “Alberto” e “Paulo” são torturados juntos: de uma plasticidade dilacerante os dois pendurados, nus, socos e pontapés no pau-de-arara, esfregão de sal na cara, a violência deplorável vivida por jovens em busca de justiça social e liberdade.

Flávio Bauraqui mais uma vez afirma-se uma das gratas revelações deste momento fértil do nosso Cinema. Num personagem de matizes várias, acerta em todos os momentos e é um dos responsáveis pela credibilidade inegável deste filme-denúncia de Sérgio Rezende. A atuação de Aramis Trindade é de longe uma das melhores coisas do filme. O ator pernambucano (magnífico em outros trabalhos bem diversos como no curta *Bala perdida e em A máquina*) reafirma-se um dos maiores da nossa cena.



Patrícia Pillar interpreta Zuzu, a mãe que perde o filho para a ditadura brasileira.

Portanto, você que ainda não viu *Zuzu*, pode ter certeza: se não o fizer, estará sabotando você mesmo por negar-se a ver obra de tamanha relevância sócio-histórico-política para o país e, sobretudo, de força humanitária incomum. Se você já viu, sabe do que estou falando. E se viu e discorda de mim, tudo bem! Você pode até não gostar de algumas cenas, de um ou outro foco privilegiado pelo diretor, antipatizar alguém do elenco, mas você jamais poderá afirmar estar diante de uma obra menor, de um elenco incompetente, de um diretor insensato ou que não conhece o ofício.

Cá entre nós, *Zuzu Angel* é Cinema dos Melhores ! Um orgulho para nossa cidadania, um brado de civilidade e uma grata satisfação saber da história da notável estilista mineira (que marcou sua presença na cultura do país com singular criatividade e com sua luta incansável em busca do filho), enfim, à disposição do grande público.

Parabéns a Sérgio Rezende e a toda a equipe e um abraço comovido em Hildgard Angel, exemplo inquebrantável de filha, mulher e ser humano, a quem muito se deve a concretização deste *Zuzu Angel*, libelo humanista para não esquecer aquela que pagou com a vida o preço de buscar respostas para a morte do filho.



CAPÍTULO 17

SANGUE EM BATISMO MAGISTRAL DE CINEMA



O confronto entre o sonho e a realidade poucas vezes foi tão forte no país como no assombroso tempo da ditadura. Por isso, muitos preferem ignorá-lo e as novas gerações, quando pensam saber alguma coisa sobre essa época sombria, acreditam-na quase branda - “Duro foi no Chile e na Argentina...”

Para compreender bem a realidade, melhor um mergulhar profundo na história. E se a história nos chega através de uma grande obra literária, tanto melhor. Ademais, quando esta obra é apresentada pelo viés cinematográfico, aí o mergulho torna-se ainda mais forte, intenso, incisivo. É assim com este *Batismo de sangue*, filme do corajoso cineasta mineiro Helvécio Ratton, baseado no contundente livro homônimo de Frei Betto.

A história enfoca a participação de frades dominicanos na luta clandestina contra a ditadura militar, é baseada em fatos reais e passada no Brasil e na França. De um lado, jovens idealistas sonhando mudar o mundo. Do outro, militares e policiais agindo sem limites. O filme teve pré-estréia nacional em Fortaleza (com apoio do Instituto Frei Tito de Alencar e do Banco do Nordeste do Brasil), terra natal do protagonista.

Este, o dominicano Frei Tito de Alencar Lima, é vivido na tela pelo ator Caio Blat, o qual empresta ao personagem invejável carga emocional, alternando momentos de dor lancinante com passagens de extrema sutileza de sentimentos, gestos, expressões e matizes psicológicas. Caio tem atuação digna de qualquer prêmio para um Grande Ator, seja de que nacionalidade for.

No elenco, em nível interpretativo tão contundente quanto o de Caio, estão Daniel de Oliveira, Cássio Gabus Mendes, o músico Marku Ribas, Ângelo Antônio, Murilo Grossi, Renato Parara, Jorge Emil, Marcélia Cartaxo (atriz paraibana notabilizada por sua atuação em *A hora da estrela*, de Suzana Amaral), e os estreantes Leo Quintão e Odilon Esteves.

No roteiro (um dos pontos altos do filme), Helvécio contou com a preciosa colaboração de Dani Patarra (sobrinha de um ex-editor da revista Realidade, publicação emblemática daquela época). Na fotografia e câmara, o mestre Lauro Escorel. O inglês Adrian Cooper na Direção de Arte faz miséria - quase um filme dentro do filme consegue alcançar este craque com seu meticuloso trabalho, sobre o qual diz: “A integração da equipe, a compreensão da importância do filme, o entusiasmo e a disposição de superar as dificuldades, apesar dos obstáculos, transformaram um trabalho de difícil realização em um prazer. O resultado disso está na tela. O prazer está guardado no coração”.

O time vai-se completando com Sérgio Penna (preparador de elenco), Mair Tavares (montagem), Marjorie Gueller e Joana Porto nos figurinos, Vavá Torres na maquiagem, Marco Antônio Guimarães na música, José Moreau Louzeiro e David Miranda no som, produção executiva da Quimera (Guilherme Fiúza e Tininho Fonseca) e distribuição da Downtown Filmes.

Após juntar nomes tão expressivos e de reconhecido valor em áreas tão vitais à Sétima Arte, difícil não tecer uma série de rasgados elogios ao filme-denúncia de Helvécio Ratton. Um filme necessário, fundamental, um documento histórico da maior relevância, feito com apurado senso de qualidade e com profundo respeito ao depoimento autobiográfico tão bem redigido pelo intrépido Frei Betto.



Filme de Helvécio Ratton tem Caio Blat em atuação soberba.

Batismo de sangue causa impacto desde sua abertura. Daí por diante, cena a cena, é só soco no estômago, atuações primorosas, excelência na maquiagem e na direção de arte. Tudo concorre para prender o espectador, conduzido por um roteiro desenhado de forma gráfica para melhor retratar a violência (aviltante e imperdoável) daqueles tempos nem tão distantes. Segundo Ratton, desde o início sua intenção foi mostrar “com clareza absoluta como a tortura foi pesada no Brasil. Era nosso dever mostrar como um fato histórico dos mais importantes (a morte de Marighella) foi pesado para os frades envolvidos”.

É a primeira vez na qual o Cinema Brasileiro mostra de forma tão pertinaz a Fé como instrumento ativo de mobilização em defesa da Liberdade, da Justiça Social e do Direito de Expressão. E uma das mais belas e expressivas cenas é justamente a da missa nas celas do Dops - biscoito e refresco de morango simbolizando a hóstia e o vinho sagrados, uma eucaristia celebrada do início ao fim, juntando frades dominicanos, carcereiros e comunistas (supostamente ateus). Tocante demais, sobretudo pela naturalidade com que acontece, a simplicidade dos oficiantes e a adesão silen-

ciosa e contrita de todas as celas, acme da superioridade da Fé sobre qualquer outra força, ainda seja em ambiente anódino, fétido, execrável.

Para conferir maior realismo ao filme (sem dúvida, o melhor de sua carreira até aqui), Helvécio fez questão de contar com uma invejável preparação técnica por parte de sua equipe de maquiladores (a quem ofertamos todos os maiores aplausos), realizando estudos detalhados na Medicina Legal sobre a evolução de feridas provocadas por vários tipos de instrumento ao longo do tempo. Antes do início das filmagens, os testes de maquiagem foram submetidos à avaliação desses médicos, os quais os aprovaram enfaticamente.

Nesse viés, é claro, todos os cuidados também foram tomados para evitar aos atores ferimentos durante as intensas cenas de violência. O dublê mexicano Javier Lambert ensinou como “apanhar” enquanto havia um stand-in para cada ator. Mesmo assim, Caio Blat acabou sendo golpeado de verdade em várias ocasiões.

Na tela, percebe-se sincera autocrítica às estratégias adotadas pelas lideranças na luta contra a repressão, conforme avalia o diretor: “Acho que através do filme, apresentamos um olhar autocrítico, uma crítica ao nosso sentimento de onipotência da época, mas sem jamais renegarmos tudo aquilo que fizemos e conquistamos com nossa luta”. Para melhor inspirar-se, Helvécio revisitou o cinema político daqueles tempos e enfatiza: “Batismo é um filme do século XXI, mesmo narrando incidentes de 30 anos atrás. Fiz este filme para os jovens de hoje com todas as evoluções narrativas e estéticas que o Cinema alcançou nestas últimas décadas”.

A grandeza do filme expressa-se por um somatório de agudas potencialidades: roteiro preciso, maestria da direção de arte, competência do elenco, maquiagem irretocável, e, sobretudo, pela ousadia de expor tema tão pungente da vida nacional numa orquestração de qualidades capaz de extrapolar sua própria concepção ao propor também uma discussão correlata, e muitas vezes calorosa, sobre o engajamento social na sociedade contemporânea: “Se o filme servir para chamar a atenção das gerações mais novas para a importância da mobilização coletiva por um ideal, já ficarei satisfeito”, afirma o diretor.

E nós fechamos: *Batismo de sangue* é um filme obrigatório para estudantes de todas as idades, cinéfilos, jornalistas, historiadores, sociólogos, humanistas, cidadãos enfim. Uma aula de Ótimo Cinema, uma revisão contundente do passado nacional e uma preciosa lição de Ética, Fé e amor à Vida.



CAPÍTULO 18

**O ANO EM QUE NOSSOS PAIS PRECISAM IR
AO CINEMA**

Impressiona a qualidade técnica e artística do novo longa de Cao Hamburger, *O ano em que meus pai saíram de férias*.

Um roteiro de excelente qualidade, assinado a oito mãos, conduz o espectador. Pouco a pouco, e com singular sensibilidade, somos enredados numa trama intensa, psicologicamente forte e claramente inspirada em fatos reais. Quase sem se dar conta, de repente estamos completamente envolvidos pela história do pequeno e lindo Mauro (que misto de doçura, empatia e graça tem este menino, grande descoberta da equipe de realização!).

Estamos nos anos 70. Um casal se vê obrigado a sair de BH e segue pra deixar o filho aos cuidados do avô. Chegam a São Paulo, bairro do Bom Retiro. Ano de Copa do Mundo e o maior sonho do garoto é ver o Brasil tri-campeão. Os pais precisam “tirar umas férias”, mas vão embora sem saber da morte do avô naquele mesmo dia, sem sequer ver o neto. Daí em diante, Mauro vê-se forçado a morar de favor com um vizinho. Os hábitos estranhos daquele senhor judeu contribuem para aumentar o sofrimento silencioso e intenso de Mauro, culminando com um tapa no rosto quando brincava de bola com um “talit” (xale de reza), sinal de “desrespeito” a um ícone religioso.

Cada vez mais esmagado, o garoto vai arranjando formas de minorar suas dores (a falta de comida ou comida ruim, a ausência e nenhuma comunicação com os pais, a distância dos amigos, a falta de companhia pra brincar e jogar futebol de botão, a aridez dos moradores, etc) e termina por conseguir a chave do apartamento do avô. Lá refugia-se, passa dias e noites, durante muitos meses, esperando um telefonema dos pais... Enquanto o personagem vai driblando suas incertezas e perplexidades, os espectadores já estamos completamente envolvidos e solidários.

Uma das cenas mais fortes é quando, desesperado pela ausência e falta de comunicação dos pais, resolve jogar o telefone no chão e sai quebrando tudo... Outro momento de arrepiar: Mauro na varanda à espera dos pais a repetir “fusca azul, fusca azul, fusca azul” como a implorar pela aparição do carro dos pais - no vidro da varanda, o reflexo das pessoas na rua, alheias à dor de Mauro. O olhar cabisbaixo, o semblante angustiado, a intuição latente de algo muito ruim acontecendo são facetas a perpassar a incrível atuação deste garoto Michel (que diz almejar ser Diretor de Fotografia, e por certo este filme muito vai ajudá-lo neste viés), ganhando a emoção e a sensibilidade de quem assiste a tudo com o maior interesse.

Assim fiquei na plateia o tempo inteiro. E foram muitas as vezes nas quais as lágrimas quiseram me entregar... Porque tudo no filme contribui para essa atmosfera

ra sombria de crueldade subjacente, dor inaceitável e consciência das injustiças evitáveis: desde a atuação de Michel à criação do espaço fílmico, o roteiro bem amarrado, a condução supimpa da câmara, os matizes da fotografia (nunca transmitindo alegria, nem mesmo nas cenas de futebol e da “brecha” dos garotos nas clientes da loja da mãe de Hanna), o figurino, a cenografia, a dramaturgia bem construída e interpretada com naturalidade.

Ao garoto Mauro, Michel Joelsas empresta seu talento e compõe nuances sentimentais multifárias: o resultado é a completa sintonia do ator com o público. Michel aparece sempre psicologicamente abalado mas tenta superar a dilacerante situação com o jogo de futebol que adora, a tevê, novos colegas do bairro, um certo encantamento pela balconista da lanchonete e alguns primeiros sintomas do encontro amoroso futuro com o outro sexo através de sua amiguinha de prédio, a esperta Hanna. Michel é tão cativante que dá vontade de botá-lo nos braços e levar pra casa...



Michel Joelsas faz o garoto sofrido de *O ano em que meus pais...* (2006).

Vale ressaltar: a segurança interpretativa de Michel se apóia num elenco de benfazejas presenças: o ator pernambucano Germano Haiut (de *Baile perfumado*, agora redescoberto por Cao), intérprete de Schlomo (zelador da sinagoga), é um grande trunfo. Idem a garota Daniela Piepszyk, compondo uma Hanna cheia de bossa e malícias aceitáveis. A mãe de Simone Spoladore reafirma matizes interpretativos já conhecidos dos cinéfilos; idem Caio Blat, jovem revolucionário admirador do pai de Mauro; Paulo Autran faz pequena participação como o avô; Eduardo

Moreira (grupo Galpão) é Daniel Stein, o pai; Liliana Castro e Rodrigo dos Santos completam o time de atores onde todos estão muito bem.

Parabéns aos irmãos Gullane, Caio e Fabiano, por mais esta aposta, cuja produção conta ainda com Daniel Filho e Fernando Meirelles e apoio da Globo Filmes na divulgação. A fotografia de Adriano Goldman e a eficiente direção de arte de Cássio Amarante se destacam. O que é aquela irretocável reconstituição de época? Tudo bem pensado, tudo presente, detalhado, aparecendo nas horas certas - cineasta e criador da atmosfera fílmica em fina sintonia, como espelha a tela. Desde o jogo de botão (saudades dos meus irmãos colecionando tantos times...) aos carros tão marcantes como o Gordini, o Decavê e o Sinca, as roupas e objetos da época, até o edifício onde morava o avô, tudo foi engendrado para transportar a plateia aos anos 70.

Vamos para lá então, quase sem sentir, numa carona tranquila e oportuna, a reavivar na memória fatos dolorosos dos quais nunca devemos nem podemos olvidar. Cláudio Galperin e Cao Hamburger, de cujas mentes nasceu a história original, se aliaram a Bráulio Mantovani e Anna Muylaert (contando ainda com o auxílio luxuoso de Adriana Falcão) e criaram um dos mais contundentes roteiros da história de nosso cinema, sobretudo na abordagem delicada, afetiva e competente dessa determinada época da História Brasileira.

É a primeira vez na qual vejo um filme abordar com tanta proficiência as ligações entre a fluência do futebol brasileiro na Copa de 70 e a morte brutal e sem sentido de centenas de idealistas em luta por um país onde a democracia pudesse ser parâmetro de civilidade. Saí do cinema com os olhos marejados...

Cao Hamburger e sua competente produção foram muito além do esperado, a par de se cercarem de craques, como é o caso também de Daniel Rezende na montagem e Beto Villares na trilha (de primeira linha). É preciso ainda citar o trabalho supimpa de Patrícia Faria na produção de elenco e o cuidado de Laís Correa na preparação dos atores, a cenografia de Fábio Goldfarb e os figurinos de Cristina Camargo, todos contribuindo de forma decisiva para a beleza exibida na tela.

O ano em que meus pais saíram de férias são 103 minutos de pura emoção. Se você ainda não viu, vá ao cinema correndo! Sem dúvida, o filme de Cao Hamburger é um dos melhores do ano.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alma 18, 30, 31, 32, 35, 36, 40, 44, 45, 52, 53, 60, 66, 67, 70, 72, 73, 79
Amor 14, 24, 27, 36, 44, 46, 48, 52, 53, 54, 55, 62, 63, 68, 74, 84, 92
Atores 31, 35, 40, 58, 67, 68, 72, 73, 74, 78, 82, 83, 87, 92, 96
Através 10, 30, 32, 35, 36, 39, 52, 54, 60, 62, 66, 72, 78, 90, 92, 95

B

Beleza 12, 24, 25, 30, 32, 36, 47, 48, 62, 64, 69, 72, 74, 78, 84, 86, 96

C

Cenas 39, 40, 47, 48, 59, 60, 67, 68, 82, 86, 88, 91, 92, 94, 95
Cineasta 38, 39, 44, 49, 53, 58, 60, 62, 63, 64, 70, 86, 90, 96
Cinema 14, 20, 38, 52, 58, 60, 62, 64, 67, 69, 72, 78, 82, 84, 87, 88, 91, 92

E

Elenco 30, 46, 52, 58, 60, 67, 74, 78, 82, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 96

F

Filme 30, 34, 35, 38, 39, 44, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 78, 79, 82, 83, 84, 86, 87, 90, 91, 92, 94, 96
Força 20, 30, 31, 41, 44, 63, 67, 69, 82, 84, 86, 88, 92
Forte 26, 30, 34, 40, 41, 52, 53, 54, 67, 79, 83, 84, 90, 94

H

História 10, 18, 20, 26, 27, 30, 34, 38, 41, 49, 52, 62, 63, 70, 73, 78, 79, 82, 83, 86, 88, 90, 94, 96

M

Mundo 4, 10, 24, 25, 26, 27, 28, 36, 40, 44, 58, 59, 60, 66, 73, 90

O

Obra 11, 20, 34, 45, 46, 48, 49, 54, 60, 62, 63, 67, 68, 82, 84, 88, 90
Olhar 12, 14, 19, 26, 30, 31, 35, 53, 54, 62, 86, 92, 94

P

País 10, 19, 25, 26, 41, 63, 72, 78, 83, 84, 86, 88, 90, r
Roteiro 34, 38, 40, 47, 60, 67, 68, 86, 90, 91, 92, 94, 95

S

Sensibilidade 11, 14, 18, 20, 30, 34, 35, 36, 40, 41, 44, 45, 52, 59, 60, 62, 67, 69, 75, 83, 87, 94

T

Teatro 14, 15, 16, 24, 25, 26, 30, 47, 58, 72, 74
Tela 39, 45, 59, 60, 62, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 90, 92, 96

V

Vida 10, 11, 18, 20, 24, 25, 26, 30, 39, 41, 46, 47, 48, 52, 53, 54, 55, 62, 69, 75, 78, 84, 88, 92

SOBRE A AUTORA



Nordestina do Ceará, natural de Fortaleza, Aurora Miranda Leão é jornalista, atriz, locutora, professora de teatro, documentarista, produtora cultural, radialista e arrisca-se a fazer curtas-metragens e cantar, uma de suas grandes paixões. Filha do crítico de cinema, LG de Miranda Leão, e da pedagoga Marlene Almeida de Miranda Leão, é cultora de Vinícius de Moraes, admiradora incondicional de Caetano Veloso, Chico Buarque, Herbert Vianna e do poeta/cronista Fabrício Carpinejar.

Destacada com Menção Honrosa na IX edição do Concurso Literário Prêmio Missões com o texto *Utopia de cinema*, que compõe a antologia produzida pela Igaçaba Produções Culturais, editada em 2006. Integra a coletânea Letras Contemporâneas, editada em Roque Gonzalez (RS) com o texto *Um Antídoto contra a Bárbarie* no qual defende a Arte como contraponto à crescente violência mundial. É redatora e editora do Blog Aurora de Cinema - www.auroradecinema.wordpress.com.

Seus curtas *Coração raiz* e *A casca avoa e o miolo fica* foram premiados - na categoria Melhor Curta Cearense - nas edições de 2008 e 2009, respectivamente - do Festival Nacional de Cinema e Vídeo Ambiental de Pacoti (CE). O curta *Engenho de menino*, por sua vez, venceu o prêmio Especial do Júri neste mesmo festival. Como atriz, recebeu em 2011 o troféu Destaques do Ano por sua atuação na peça *E eu joguei flores nas minhas memórias*, do dramaturgo piauiense Caio Quinderé, com direção dele e de Ilclemar Nunes, apresentada no Teatro do SESC, em Fortaleza.

Atualmente residindo em Minas Gerais, é doutoranda em Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), linha de pesquisa Competência Midiática, Estética e Temporalidade. Mestre em Comunicação pela mesma

instituição com a dissertação *Meu pedacinho de chão: sete movimentos à procura da narrativa*.

Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – com realização de documentário sobre o poeta cearense Patativa do Assaré –, é especialista em Audiovisual em Meios Eletrônicos pela mesma UFC, tendo concluído a pós com monografia sobre o filme *O mandarim*, de Julio Bressane.

Membro do Grupo de Pesquisa/CNPq Narrativas Midiáticas e Dialogias, coordenado pela Profa Dra. Cláudia Thomé. Integra o GP Ficção Seriada do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). Assina artigos no livro FICÇÃO SERIADA - ESTUDOS E PESQUISAS, volume I (2018) e volume II (2019), editado em São Paulo pelas editoras Jogo de Palavras e Provocare, bem como no e-book *Nostalgias e memórias no tempo das mídias* (organizado por Christina Ferraz Musse, Theresa Medeiros e Rosali Henriques), lançamento do PPGCOM/UFJF e da editora Insular (2020).

Organizadora dos livros *Críticas de cinema de LG de Miranda Leão* (2006) pela Coleção Aplauso/Imprensa Oficial de São Paulo, e *Ensaio de cinema* (edição BNB/BNDES, 2010). É autora do e-book *Telenovela: a ficção popular do Brasil*, lançado em 2021 pela RFB Editora.

A pesquisa atual no doutorado foca na questão de gênero imbricada no sertão nordestino, a partir da inspiração de Euclides da Cunha para a série *Onde nascem os fortes* (TV GLOBO, 2018).

Contato: auroradecinema@gmail.com



O CINEMA QUE MORA NA MINHA SAUDADE

Prefácio de ARTUR DA TÁVOLA



O CINEMA QUE MORA NA MINHA SAUDADE

Prefácio de ARTUR DA TÁVOLA

